

# REVISTA DA SEMANA ©





UMA GRANDE OBRA

# O Diccionario das Seis Linguas

Com a pronunção figurada de todos. Poupa a consulta de muitos dictionarios especiaes, pois comprehende  
nada menos de

## 30 DICCIONARIOS

Estes 30 dictionarios são:

Francez-allemão  
Allemão-francez  
Francez-inglez  
Inglez-francez  
Francez-italiano  
Italiano-francez  
Francez-hespanhol  
Hespanhol-francez  
Francez-portuguez  
Portuguez-francez

Allemão-inglez  
Inglez-allemão  
Allemão-italiano  
Italiano-allemão  
Allemão-hespanhol  
Hespanhol-allemão  
Allemão-portuguez  
Portuguez-allemão  
Inglez-italiano  
Italiano-inglez

Inglez-hespanhol  
Hespanhol-inglez  
Inglez-portuguez  
Portuguez-inglez  
Italiano-hespanhol  
Hespanhol-italiano  
Italiano-portuguez  
Portuguez-italiano  
Hespanhol-portuguez  
Portuguez-hespanhol

«Nem só em Portugal, onde foi publicado. mas ainda em toda a Europa civilizada será saudada esta publicação como *obra nimamente pratica e efficaz*, e em presença do extraordinario desenvolvimento adquirido pelo estudo das linguas nestes dez annos mais recentes, licito é vaticinar a um *diccionario redigido e coordenado com tanto esmero, qual é este* que tenho presente, exito extraordinario a par de legitimo.—*Alex Bruns*».

A obra compõe-se de um grosso volume de mais de 2.000 paginas, nitidamente impresso, magnificamente encadernado em carneira. pelo modico preço de 10\$000  
l'zlo correio mais 1000 réis para porte e registro

Pedidos á **Secção Editora**

DO

**JORNAL DO BRASIL**

110, AVENIDA RIO BRANCO, 112 (2º andar)

RIO DE JANEIRO



# Pequeno Anuário de Informações Úteis

## Medicos

**MOLESTIAS DAS CRIANÇAS.** — Dr. E. *Bandeira de Mello*. — Clinica exclusivamente de crianças. — Cons.: rua da Assembléa 43, ás 4 horas. Teleph. 5, villa. — Só attende a doentes da sua especialidade.

\*\*\*

**DR. ANTONIO PEDRO.** — Molestias internas. — Rua da Assembléa 98, de 1 ás 3, nas segundas, quartas e sextas.

\*\*\*

**DR. ANNIBAL FALLER.** — Clinica medica. — Cons.: rua da Assembléa, 83, (das 3 ás 5) — Res.: Avenida Gomes Freire, 114.

\*\*\*

**DR. OLIVEIRA BOTELHO.** — Cura rapida da tuberculose. — Consultorio: rua Marechal Niemeyer, — 91 Botafogo.

\*\*\*

**DR. ERNESTO ALVES,** clinico medico. Consultorio, Rua Assembléa, 83, 3 ás 4. Residencia, Rua dos Bandeirantes, 23. Telph. 2.242, Villa.

\*\*\*

**DR. HENRIQUE DUQUE.** — Consultorio, rua da Assembléa, 83; residencia, Avenida Gomes Freire, 114.

\*\*\*

**DOENÇAS DE GARGANTA, NARIZ, OVIDOS E BOCCA.** — CURA GARANTIDA E RAPIDA DA ECZEMA. — Dr. Eurico de Lemos, professor livre da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. — Rua da Carioca, 36, das 12 ás 6 da tarde.

## THEATROS

**Municipal** — fechado.

**Lyrico** — fchado.

**Phenix** — fechado.

**S. Pedro** — « Ultima do Dudu », revista.

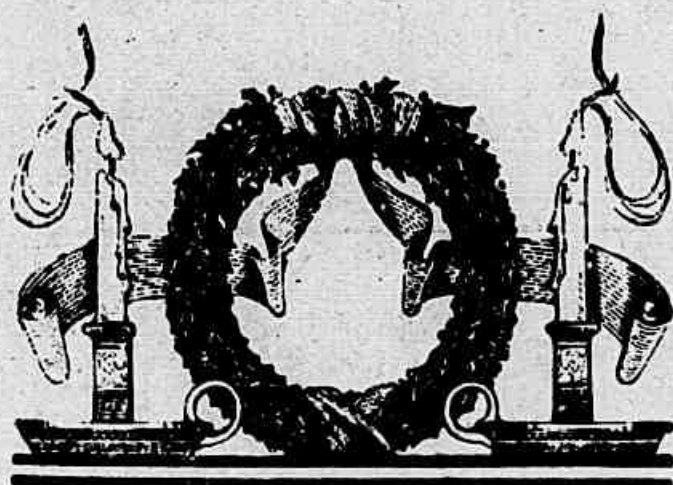
**Republica** — « O 31 », revista.

**Apollo** — « Grão de Bico », revista.

**S. José** — « Mexe-Mexe », revista.

**Recreio** — « Passo-lhe a mão », genero livre.

**Palace** — variedades.



## A SEMANA

|            |    |                             |
|------------|----|-----------------------------|
| Domingo    | 14 | Carnaval                    |
| Segunda.   | 15 | "                           |
| Terça..... | 16 | "                           |
| Quarta...  | 17 | Cinzas                      |
| Quinta...  | 18 | Lua — Quarto crescente a 21 |
| Sexta..... | 19 |                             |
| Sabbado.   | 20 |                             |

## Serviço Telephonico de UTILIDADE PUBLICA

### SERVIÇO DE INCENDIO

**Quartel general** — Central 580

**Estação Norte** — Norte 581.

" **Sul** — Sul 420.

" **Este** — Norte 583.

" **Oeste** — Villa 684.

" **Noroeste** — Villa 585

" **Sudoeste** — Sul 86.

**Assistencia Municipal** — Central 255.

### POLICIA CIVIL

**Portaria** — Central 221.

**Chefe de Policia** — Central 2.281.

**1ª Delegacia Auxiliar** — C. 2.302.

**2ª " " "** — C. 2.303

**3ª " " "** — C. 2.304

### POLICIA MILITAR

**Quartel General** — Central 4.320.

(Mesa de ligações para todas as dependencias)

### PREFEITURA

**Portaria** — N. 249.

### LIGHT AND POWER

**Reclamações por falta de corrente** — Central 4.200.

**Revista da Semana** — Central 79

## HOTEL DO RIO

**HOTEL PENSÃO VERDI.** — Rua do Cattete n. 196. — Teleph. sul 376.

\*\*\*

**CASA ROCHA.** — Exames scientificos da vista gratuitamente por profissional habilitado. Officina especial para fabricaçao e collocacao de vidros em oculos, pincenez, binoculos, etc. Médrado Rocha, Rua da Assembléa, 56.

## RESTAURANTES

**CAFÉ E RESTAURANTE DELICIA** — Especialidade em iguarias. Bebidas finas de todas as qualidades, nacionaes e estrangeiras. Aguas mineraes, etc. Asseio e commodidade nos preços. — *Oliveira Pontes*. — Rua 7 de Setembro, 44. — Telephone 1.945, Central.

\*\*\*

**RESTAURANT JANY.** — Cozinha de 1ª ordem. — Bebidas de todas as qualidades. — *Candido J. da Cunha*. — Rua Marquez de Abrantes, 2. — Telephone 733, Sul.

A **ANGELICA** é a agua que faz a cutis branca, tornando-a macia e fresca, tirando as sardas, pannos e rugas. — Vende-se nas principaes casas de perfumarias.

**GENEROS ALIMENTICIOS.** — Bons e baratos. — Praça José de Alencar. — *Colombo*.

## ADVOGADOS

**ESCRITORIO DE ADVOCACIA CIVIL E COMMERCIAL** de *J. Borges do Rego*. — Solicitador. Escriitorio *Praça Tiradentes*, 73, das 10 ás 5 da tarde. Residencia Rua Senador José Bonifacio, 66. (Todos os Santos). — Telephone n. 196, Central.

## LEITERIAS

EM TODAS AS « **LEITERIAS BOL** » encontra-se á venda a sua optima « **Manteiga Bol** » frésca, fabricada com creme pasteurizado de fino aroma, agradável paladar e isempta de microbios e germens nocivos. — *R. Ferreira Leite*. — Telephone 509, Norte. — Casa Matriz, R. Gonçalves Dias, 73.

\*\*\*

**LEITERIA E SORVETERIA CARIOCA.** — Rua da Carioca, 39. — Neste modelar estabelecimento encontram-se os especiaes sorvetes de creme e fructas e o excellente leite pausterizado da Serra da Mantiqueira. — Telephone, 6246. Central. — *Gonçalves Sylvestre*.

\*\*\*

**LEITERIA E SORVETERIA YPIRANGA.** — *Manteiga Ypiranga*. Especialidade. Fila 35200. — Travessa de S. Francisco de Paula, 24 — Telephone 3.552, Central.

\*\*\*

**LEITERIA MINERVA.** — Leite pasteurizado, manteiga especial com e sem sal. — Rua do Cattete, 311. — Telephone n. 1.541.

### SYLKALE

O sabonete da senhora elegante

no

PARC ROYAL



# Pequeno Anúncio e Informação Útil

**A AUXILIADORA JURIDICA.** —  
*Praca Tiradentes, 77, 1º andar.* —  
Única que faculta aos seus associados a fiscalização na Inspectoria de Leite, das amostras apprehendidas nos estabelecimentos dos srs. negociantes de laticínios, por um chimico de sua inteira confiança; pela modica quantia de 20\$000 mensaes e 10\$000 a titulo de joia no acto da inscripção. — Norberto Lucio Bittencourt. — Advogado Presidente.



## VAPORES ESPERADOS

13. *Sergipe*, Portos do Norte.
13. *Frisia*, Rio da Prata.
13. *Orissa*, Callão e esc.
13. *Oronsa*, Liverpool e esc.
14. *Cordova*, Rio da Prata.
14. *Minas Geraes*, Santos.
14. *Plata*, Rio da Prata.
14. *Itaituba*, Aracajú e esc.
14. *Mucury*, Portos do Norte.
14. *Jacuby*, Portos do Sul.
15. *Avon*, Southampton e esc.
15. *Sergipe*, Portos do Norte.
17. *Guadeloupe*, Rio da Prata.
17. *Maranhão*, Portos do Norte.
18. *Gurupy*, Portos do Norte.
18. *Genova*, Bordéos e esc.
19. *Darro*, Rio da Prata.
20. *Desna*, Liverpool e esc.
20. *Sergipe*, Portos do Norte.

## VAPORES A SAHIR

13. *Tujica*, Portos do Norte.
13. *Itapuca*, Portos do Sul.
13. *Frisia*, Amsterdam e esc.
13. *Orissa*, Liverpool e esc.
13. *Oronsa*, Callão e esc.
14. *Cordova*, Genova e esc.
14. *Mucury*, Santos.
14. *Itassucê*, Parahyba e esc.
15. *Avon*, Rio da Prata.
15. *Plata*, aMrselha e esc.
15. *Minas Geraes*, Nova York e esc.
15. *Itapacy*, Pelotas e esc. (8 h.)
15. *K. Victoria*, Stockolmo e esc.
16. *P. de Moraes*, Laguna e esc.
17. *Saturno*, Rio da Prata (12 h.).
17. *Guadeloupe*, Bordéos e esc.
17. *Itaituba*, Aracajú e esc.
18. *Garonna*, Rio da Prata.



**EM 24 HORAS**, cura-se o habito da embriaguez com o «**SALVINIS**» e «**GOTTAS DE SAUDE**», que se vendem nas drogarias: Pacheco, no Rio de Janeiro e Baruel & Comp., em S. Paulo.

## OFERTAS E PROCURAS

TRABALHOS typographicos a preços modicos, em todos os generos. Zinco-gravura, photogravura e trichromia. Prospectos e impressos commerciaes. Relatorios. Livros. Nas officinas do *Jornal do Brasil*

\*\*\*

VENDE-SE um notavel quadro do celebre pintor itaiano Guido Reni (seculo XVII). Informa-se na redacção da *Revista da Semana*.

\*\*\*

INSTITUTEUR française. Parle l'anglais et l'allemand. Diplome. Les meilleurs références. Lettres a mlle. Renoir. Rua do Aqueducto, 201-A.

\*\*\*

SUBALUGA-SE com contracto por um anno, lindissima casa no bairro de Botafogo para familia de tratamento Agua quente e fria canalizada para os quartos. Dois quartos de banho. Instalação electrica. Fogão a gaz. Todo o conforto moderno. Tambem se vende a mobilia Maple, moveis de arte, tapetes turcos e persas, que guarnecem a casa. Cartas á *Revista da Semana*, a J. C. N.

\*\*\*

TROCAM-SE selos postaes do Brasil, do tempo do Imperio, contra selos de Portugal e Colonias dos reinados de D. Maria, D. Pedro V e D. Luiz. — Alvaro de Carvalho, rua do Ouro 66, Lisboa.

**POZIOMKA**  
*Rouge inalteravel*  
de MME. SELDA POTOCKA  
no PARC ROYAL

MME. OLYMPIA. — Cartomante. — Única que dá consultas sobre qualquer assumpto, tem um breve que consegue tudo o que se quizer; na rua Marechal Floriano n. 63, sobrado, proximo á rua dos Andradas. Cons. das 9 ás 9.



## RECEITAS DE COSINHA

OVOS VERDES Á FIGUEIRENSE. (*Declaração previa*). — Não me condecoro com a gloria de inventar uma receita.. Declro-o para descanço das cinzas ve-

nerandas de Vatel, e tranquillidade de alguns cozinheiros meus amigos, que, aliás, não tinham de que assustar-se com a minha concorrência. Cada qual no seu officio. Homero, segundo a affirmação preciosa de um escriptor francez, foi o primeiro que no mundo colligiu os preceitos da arte culinaria; Socrates ensinou os gregos a comer, temperando as comidas com o mais appetitoso dos saes, o sal attico, o sal do espirito com que Platão tambem adubava as suas ceias; Nero soube preparar um congro digno dos deuses; o grande, e immortal Apicio, que succumbiu á pavorosa ideia de poder morrer de fome, tendo as algibeiras recheadas de ouro, inventou numerosos pratos e tentadores mólhos que alegaram o seu nome a esta sua remotissima posteridade de cozinheiros e comilões. Até Lamprias, o proprio Lamprias, o predecessor feliz do inventor de Nabob, compoz um molho, cujo cheiro chegou até nós. Eu, misero de mim, sem poder ganhar o prestigio d'estes eleitos da mesa e da cozinha, de quem Desaugiers dizia

« Un cuisinier, quando je dine,  
Me semble un être divin,  
Qui du fond de sa cuisine  
Gouverne le genre humain »,

limito-me a contar como se fazem os *Ovos verdes á figueirense*, pitêu delicioso, que os leitores saborearão com mais prazer do que as asperas e extenções linhas d'esta eruditissima explicação. Mãos ao tacho!

Tome-se uma duzia de ovos, e cosam-se. Depois de cozidos cortem-se ao meio, e tirem-se-lhes as gemmas, conservando inteiras as metades das claras. Pique-se muito miudo uma cebola, e uma porção equivalente de salsa, deitando-se-lhe uma ou duas colheres de pão ralado, pimenta e algumas pedras de sal. Alloure-se isto n'um tacho ou frigideira com manteiga. Amasse-se depois com as gemmas dos ovos e com esta massa encham-se as claras. Descance-se um momento, já que Deus tambem descansou ao setimo dia, e respire-se, não de modo que se sopre e espalhe a farinha de trigo que deve estar já preparada, para se dissolver em gemma de ovo, a fim de passar as claras recheadas por essa dissolução, para aspôr na frigideira com manteiga deitando-as com a face do recheio para baixo. Tiram-se apenas estiverem coradas, e profira-se o *eureka!* que estão promptos os ovos verdes. Ditem-se estes então n'um prato coberto, ou n'uma travessa, e derrame-se-lhe por cima um molho de vinagre destemperado com agua, ligeiramente engrossado ao lume com algumas pitadas de farinha e temperado com uma folha de louro. Enfeite-se o prato com varios raminhos de salsa, e... comam-se. — *Eduardo Coelho*.

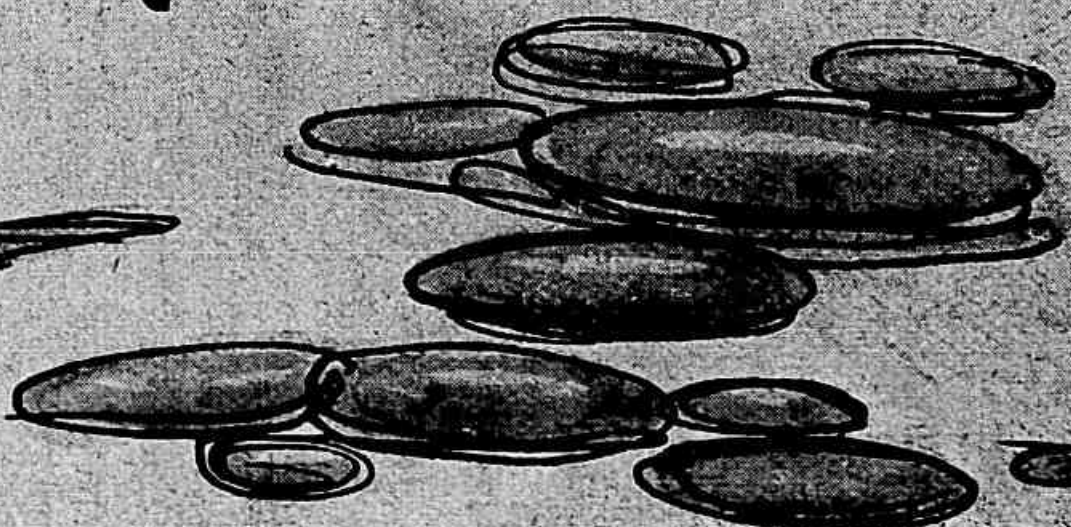
**PO' DE ARROZ HYGIENIOC**  
de MME SELDA POTOCKA  
no  
PARC ROYAL



# FIDALGA CERVEJA DA BRAHMA



SEMPRE NA PONTA!







## QUANDO V. EX.

Precisa de um medicamento, procura certamente o que haja de melhor e de efeito mais seguro, porque um máo remédio poria em risco a sua vida.

### PORQUE RAZÃ

Quando quer fumar não usa os delicados cigarros Vanille em vez de usar esses cigarros ordinarios e baratos que infestam o mercado, que são tão perniciosos como as más drogas?

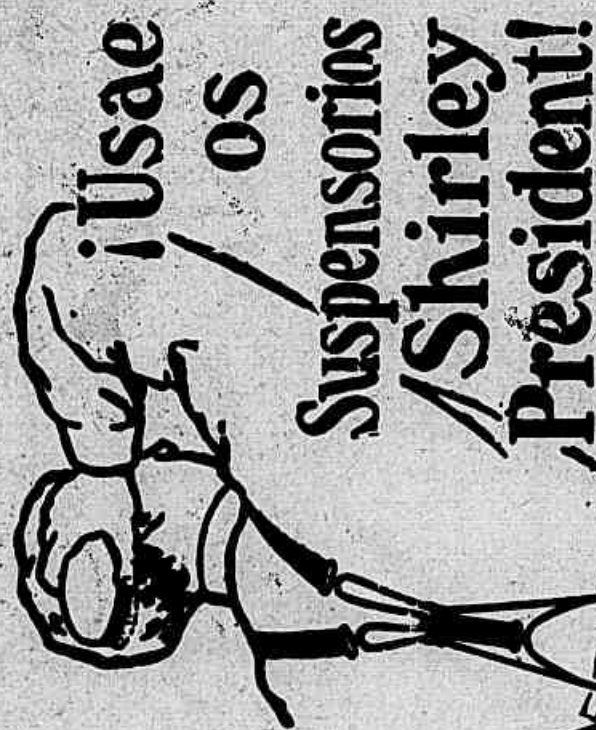
### TENHA SEMPRE EM MEMORIA

Que os cigarros Vanille são producto da reputada Fabrica Veado, o que é uma garantia da sua indiscutivel superioridade. Além disto, os cigarros Vanille

**SÃO** hygienicos,  
**SÃO** agradaveis,  
**SÃO** os cigarros do Grand Chic,  
**SÃO** perfumados,  
**NÃO** atacam o estomago,  
**NÃO** arruinam o systema nervoso.

Poderá V. Ex. apontar uma outra marca de cigarros que possua taes predicados?

**José Francisco Corrêa & Comp.**  
Assembléa, 94-98-Rio



Elles se ajustam instantaneamente a todo e qualquer movimento ou posição, evitando a tensão das roupas e pressão sobre o corpo e assegurando não só

### Commodidade Absoluta

como também liberdade de acção e perfeito assentamento das roupas. Sua durabilidade e serviço são assegurados por uma

### Garantia Incondicional

Evitae as imitações—todas ellas são inferiores. Verificae com attenção que as palavras "SHIRLEY PRESIDENT" estejam estampadas nas fivelas, a marca identificadora do artigo genuino fabricado e garantido por

**The C. A. Edgerton Mfg. Co.**  
Shirley, Mass., E. U. A.  
A VENDA EM TODA A PARTE.



O Pó de Arroz Hygienico de Mm. SELDA POTOCKA é o melhor preservativo da pelle contra os effeitos do sol.—A' venda no

**PARC ROYAL**

Pode perguntar-se a uma mulher porque chora, mas não porque chorou, pois geralmente se não lembra já.

\*\*\*

No «rink» do Copacabana-Club:

— Já reparou na sua amiga X...?

— Como ella parece feliz! Não a inveja?

— Eu? Era o que me faltava! Se eu a invejasse e ella o soubesse, então é que seria completa a sua felicidade!

\*\*\*

A ambição pode muito em bastantes homens; em outros póde mais a vaidade; em todos pode igual o interesse.

Muita vez teriamos de nos envergonhar das nossas boas acções, se fossem conhecidos os motivos que nos levaram a pratical'as.

\*\*\*

A paciencia é a coragem da virtude.

\*\*\*

Os moços presumem muito porque sabem pouco.

\*\*\*

A infidelidade irrita o amor e não o cura.

Só o destroem os venenos lentos: o tédio e a saciedade.



# REVISTA DE SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911  
Anno XVI — N° 1 — Rio de Janeiro, 13 de Fevereiro de 1915

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA — TELEPHONE: 79 CENTRAL

Redacção Administração e Officinas

110, AVENIDA RIO BRANCO, 112 — Rio de Janeiro

DIRECTOR — C. MALHEIRO DIAS

CONDICÇÕES DE ASSIGNATURA

Por cada serie de 52 numeros (1 anno): 18\$000 — Estrangeiro: 50 francos

AVULSO 400 RÉIS

EDIÇÃO DA SECÇÃO EDITORA DO JORNAL DO BRASIL



## MASCARAS

(UM CONTO DE CARNAVAL)

I

(Genoveva de L. tem quarenta e cinco annos. Ha quinze devia ter sido uma bella mulher. Rosto envelhecido, ainda tem vida nos olhos negros, dum raro brilho. E' alta, de fórmas desenvoltas, e a sua mocidade tempestuosa arruinou-a physicamente. Tem uma grande paixão, não correspondida, por Mauricio V., bello e forte rapaz, vinte annos, solteiro).

Genoveva — O carnaval! Elle ahi está alegre e endiabrado! Como eu adoro a Folia, e que lindas saudades daquelle bello tempo! Tão distante... Naquelle epoca tudo era praseres, e os homens mendigavam um sorriso meu. Hoje... Era a primeira nos bailes entusiastas e frementes. A primeira! Reminiscencias longinquoas... Resta-me a cara que lembra emmaranhada teia de aranha. E o corpo cansado e gasto, e os cabellos quasi brancos?! (Desconsola-

damente) E agora, já no occaso, é que veiu esta paixão louca por Mauricio! Dolorosa vida!

(Começa a passear, nervosa, no salão elegante. Chega à janella, e vê a mascarada passar, guizalhante, ruas acima e abaixo. Palhaços pinoteiam, carruagens e automoveis desfiliam cheios de fantasias. E' o reinado de Momo).

Genoveva — Elle deve ahi ir num desses carros. E sempre com maltratos, e sempre repudiando! E' moço, bonito, desejado. E eu? — cansada, gasta. Ah! Mas é que elle não sabe que este foi o meu primeiro, o meu unico amor! Aos quarenta e cinco annos... Ironia do destino! Eu, apaixonada? Eu, que tanto brinquei com os corações, que ria quando os homens ajoelhados me fallavam em amor, e me pediam um sorriso de indulgencia! Orgulhosa, rica e ambicionada, — não conhecia o amor. Amava, sim, o Praser, o Luxo, o Dinheiro. E agora?... Mauricio passa n'um automovel, com um amigo, e casualmente levanta os olhos para a casa de Genoveva. Os olhares delle e da bella ruina encontram-se. Mauricio fica profundamente revoltado). — Lá está a Genoveva! E' o meu jettatore! Já sei que hoje a noite não

me váe correr bem. Vi-a... Mas que desgraça!

O amigo — E porque esse odio? Ella fez a ti algum mal?

Mauricio — Tu sabes lá'o que é uma fera como a Genoveva? Estimaria mais que me detestasse. Mas não! Persegue-me com olhares, cartas, flores, o demonio! Ella sabe que não a supporto, mas persiste. E os meus amigos riem-se de mim, dessa paixão burlesca, que desgraçadamente inspirei. Ahi tens o que ella me quer. E foi o peor: ama-me. E já sei que me váe succeder alguma cousa desagradavel.

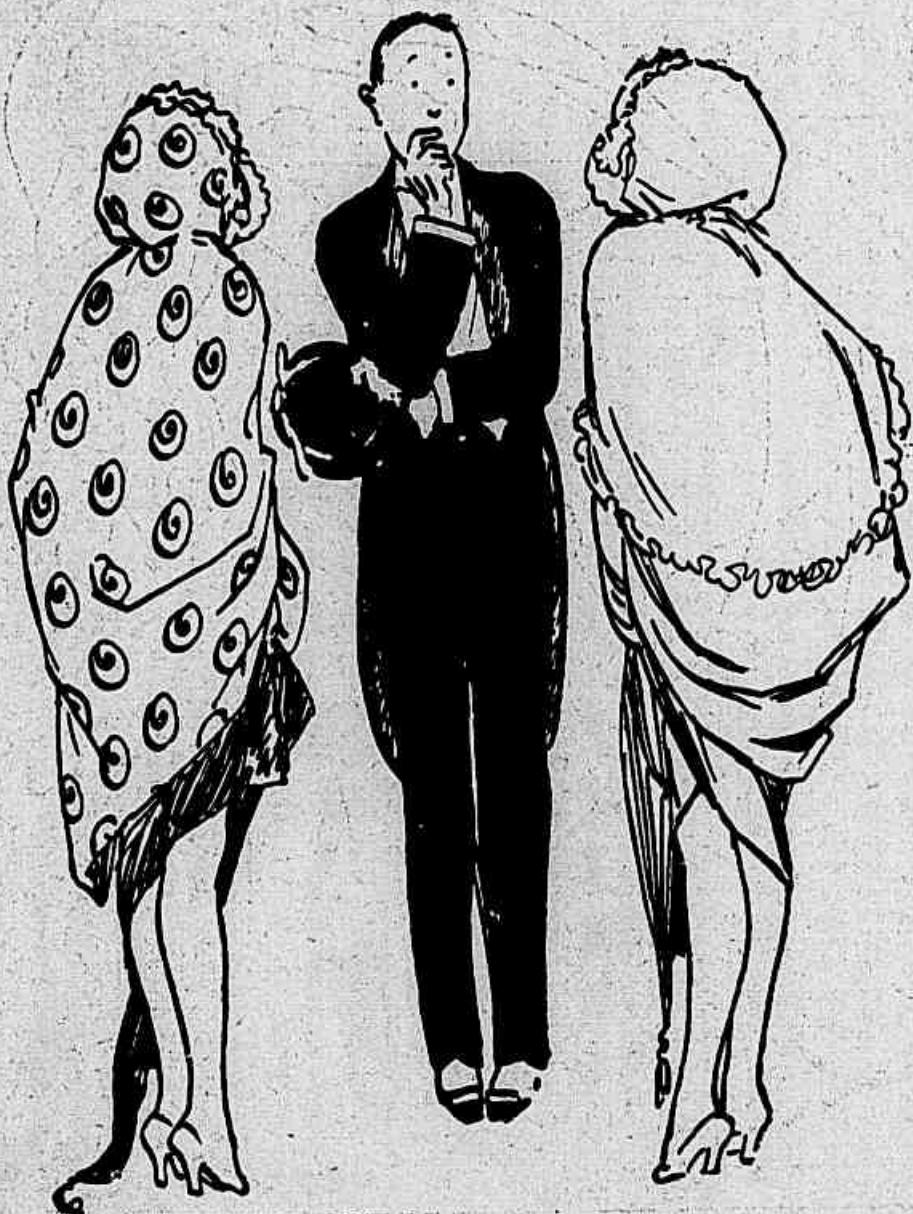
O amigo — Ora, não sejas creança! Não será tanto assim...

II

(Em pleno baile carnavalesco do Club. Meia-noite. O tango desenfreado faz saltar os moços e remexe os nervos cansados dos velhos. Mascaras encarnadas e azues, pretas e amarellas, salteiam e guincham. Momo rejubila, allucinadamente. A orchestra vibra musicas esfusiantes).

Mauricio (entrando nos salões do baile) — Oh! Está animadissimo! Que bella festa! E parece que todos se divertem endiabradamente!





O amigo — Pois façamos o mesmo. E vamos ao buffet. Evohé! Evohé!

(No buffet. Os mascarados trocam, dizem graçolas desenxabidas, tentando faser espirito. Mauricio e o amigo, abancados, bebem e olham as mulheres semi-nuas. De repente entra, sósinha, uma linda máscara. E' alta e elegante; veste riquíssima toilette de apurado gosto, á Maria Antonietta.)

Mauricio (enthusiasmado) — Mas que adorável máscara! O vestido é precioso. E a dona deve ser formosa e moça.

O amigo (também enthusiasmado) — Ella é elegantíssima. Se nós a convidássemos para a nossa mesa?

Mauricio — No carnaval tudo é permitido. Coragem! (dirigindo-se á desconhecida) — Se quizesse dar-nos o praser de beber uma taça de champagne em nossa companhia...

Ella (amável) — Não sei se deva... E depois tenho um meio compromisso para uma ceia. Talvez vá aborrecer ao senhor e ao seu amigo.

Mauricio — Não seja má. Dê-nos esse grande praser.

Ella (condescendente) — Pois sim! Mauricio (madrigalesco) — Deve ser linda! E' o que estava dizendo ha pouco... formosa e moça. Talvez vinte annos. E' boa, e generosa, e bella, com esses olhos profundos...

Ella — Errou em tudo, meu amiguinho. Feia, deselegante e má, é o que sou. Quanto aos annos, affianço-lhe que são vinte e cinco, faço me velha!

O amigo — Velha?! Mas está em plena vida. Que saudades tenho eu dessa radiante mocidade em flor...

Mauricio (erguendo a taça transbordante do liquido fulvo) — A' bella desconhecida!

Ella — Sim, á incognita. Não sabem quem sou, e conheço-os. Ao senhor, então...

Mauricio (lisonjeado) — A mim?

Ella (disfarçando mais e mais a voz) — Sim, ao senhor. Sei que é bello e volúvel, cortez e leviano em amor...

Mauricio (fingindo indignação) — Mas é uma clamorosa injustiça!

Ella — ...sei mais que tem inspirado grandes paixões...

Mauricio (risonho) — Eu?!

Ella (ironica) — Sim, por exemplo, a Genoveva...

O amigo — Salve! Conquistador emerito, Don Juan da archeologia!

Mauricio (revoltado) — Mas que mal lhe fiz eu? A Genoveva! Até a senhora, que nem conheço!

Ella — Mas porque? Já acabou tudo?

Mauricio (afflicto) — Mas se nem começou! A senhora não sabe que a Genoveva é velha...

Ella (rindo nervosamente) — E' feia!

O amigo — E postica!

Mauricio — Pinta os cabellos, as sobrancelhas, o rosto, os labios...

Ella — ... tudo, tudo!

O amigo — Sim, deve pintar o resto.

Mauricio — E não sabe mais que eu a aborreço, detesto-a? Que ella é desgraçadamente a minha tortura?

Ella — Mas dizem que a Genoveva tem uma paixão doida por si...

Mauricio — Sim, de arrebentar. Ah! Ella persegue-me dia

e noite. Nos passeios, nos corsos nos theatros, nos cafés, e nos

bailes. E' increditavel! Tem olhares lamechas, e manda-me bilhetinhos e flores, sei lá!

(compungida mente: — Sou digno de lastima, minha senhora, compadeça-se de mim!

Ella (chegando-se mais para Mauricio) — Aos seus amôres!

Mauricio (avançando cautelosamente o pé em procura dum pé pequeno) — A' formosa máscara por quem me confesso apaixonado...

Ella (ironica) — Pela máscara?

Mauricio — Não. Pelo rosto lindo que adivinho. Pode ser uma tentação!

Ella (amabilissima e desenvolta deixando ver uma perna tentadora em finissima meia de seda) — Como é amavel e bom, e como é verdadeiramente isnuante!...

O amigo (desconsolado e levantando-se) — Bem, perdi a partida. (erguendo a taça) — Aos vossos amôres!

Os dois (rindo) — Ao anôr!...

### III

(A máscara está alegrissima. Ri, e permite pequenos atrevimentos, de phrases e de gestos. Mauricio insiste na sua justa curiosidade: — o nome? o rosto? Ella diz que depois, depois... Madame Clicquot, que é a mais linda

e a mais preferida de todas as ruivas do mundo, começa o seu reinado empolgando os dois...)

Ella — Para que deseja saber o meu nome? Para que? Vais tarde... Não lhe basta ter adivinhado a minha sympathia por si?

Mauricio (jubiloso) — Adoro-a!

Ella — E eu gosto de si tanto, tanto!

Mauricio (resolvidissimo) — Partamos... A minha casa espera-a. Con-sente?

Ella (animada pela «veuve» Clicquot) — Sim, vamos, querido.

(Muito tarde. Num auto aberto, rumo de casa, gosando a noite enluarada, Mauricio e a máscara, mãos enlaçadas, conversam ardentemente. As palavras são de amor e de fogo. Ella já consentiu um beijo, meia dúzia de beijos, no pescoço cheiroso. E' a cavatina de amor...)

Mauricio — Amo-te muito, muito! Vamos ser felizes, querida.

Ella — E eu adoro-te!

### IV

(Chegam a casa. Na sala, Mauricio, transbordando de amor, num gesto impetuoso e ardente, ancioso para beijar o rosto formoso e a bocca cheirosa, arranca subitamente a máscara da companheira...)

Ella (perplexa, apoiando-se numa cadeira) — Ah!...

Mauricio (recuando espavorido, baseado rapido o effeito das effervescencias do champagne Clicquot) — Ella, Genoveva! Genoveva!... (desconsoladissimo) — Mais uma illusão desteita! Carnaval, eterna mentira; máscaras, engano eterno. Sonhos... para que desvanecer-os? A illusão não é afinal a felicidade suprema?!

RAUL DE AZEVEDO.





## NO BAILE DE MASCARAS

A "petite femme" — A senhora conhece o Dr. Mario Azevedo ?  
A esposa — Quanto é possível conhecer um homem. E' tão difficil!  
A "petite femme" — A senhora não o viu no baile? Não sei onde encontrá-lo...  
A esposa — Hoje não sei. Mas amanhã, á hora do almoço, encontra-o em minha casa.  
A "petite femme" — ?  
A esposa — E' meu marido,



# Momento

# Elegante



D. Licinia Cardoso  
(Cliché Bevilacqua).

Eu estava,  
naquelle  
longinquo sab-  
bado de carna-



val, sentado  
diante de uma  
taça de cham-  
pagne, soli-  
tário e tran-  
quillo, olhando  
o salão. Uma  
orchestra vi-  
brante enchia o  
ar de tangos  
successivos. Respirava-  
se perfume. E, na feerie  
do momento, sob a  
luz violenta e azul  
dos arcos voltaicos, os  
pares dansavam, fu-  
riosamente, em phre-  
nesis. Rajahs, marque-  
zes, dominós, ursos  
inoffensivos, tricanas,  
toureiros, colombinas,  
todos os disfarces, todas  
as fantasias, de todos os seculos e de  
todas as raças, misturados, confundi-  
dos, baralhavam-se na algazarra col-  
lectiva.

Eu ficára a um canto observando  
o baile e a alegria exuberante das  
mulheres.

Defronte de mim sentára-se, me-  
lancolicamente, um pierrot juvenil.  
Não pediu champagne. Pediu absyn-  
tho. Mirei-o minuciosamente. O  
rosto branco era bello e ingenuo. A  
bocca vermelha parecia sangrar. E  
os olhos luminosos boiavam, docemen-  
te, como dois cysnes negros num  
la: o de neve. Achei-o bello e triste.

Tão moço, tão gentil, branco como  
o luar e os bogarys, o meu pierrot  
tinha a graça subtil das coisas que  
começam; toda a delicadeza das al-  
voradas; todo o prestigio das illusões  
que se desfazem. Enterneceu-me o  
pierrot pensativo e juvenil. Olhei-o  
com carinho.

— Meu amigo, murmurei, se não  
sou indiscreto, offereço-te do meu vi-  
nho. E' um nobre vinho de França que  
substitue com elegancia o phaleno secu-  
lar dos gregos. Queres?... Toma uma  
taça. Elle te dará a doce alegria phi-  
sica, a unica real, porque parte do  
corpo, não vem da alma, — o unico  
mal do homem... Bebe pierrot, juvenil  
e melancolico...

Elle, num gesto suave, voltára-se  
para mim, tranquillamente:

— Disseste bem. O unico mal do  
homem é a alma. A felicidade é cor-  
porea. Ser feliz é poder gosar todos os  
prazeres que os sentidos nos proporcio-

ne. Vês, eu sou joven como tu, e sinto  
a grande velhice das  
illusões. Tu sabes  
o que é uma desillu-  
são? E' horrivel, meu  
amigo. A minha his-  
toria é triste e tu sa-  
bel'a de cor, atra-  
ves da lenda que a  
criou e atravez dos  
versos mds de quasi

todos os poetas que a cantaram. E' a  
historia do meu amor com Colombina.  
Ah! Colombina, Colombina, linda fada  
de dedos de neve e olhos de velludo!... Ella  
era bella como uma chamma que se pro-  
jectasse para o sol; era perfumada e lan-  
guida como uma cesta de rosas; e a  
sua face branca tinha a brancura sem  
par dos lyrios de Florença. Filha da fri-  
volidade e da intelligencia subtil dos  
napolitanos, filhos dos gregos, quando  
Colombina surgiu, pelos fins do Renas-  
cimento, já me encontrou na scena,  
nas comedias de Gieratone, glorioso  
das acclamações populares. Colombina  
veiu de mim; foi uma consequencia  
do meu successo, um resultado do meu  
triumpho brilhante. A nossa vida em  
commum, fez desabrochar, como uma  
flor exquesisita, o meu amor enorme. Eu  
vivi da sua voz; do seu gesto, da sua gra-  
ça aeria e musical... E quando ella,



Mlle. Santos Dumont  
(Cliché Bevilacqua).

tremula como uma pluma, branca como  
um bogary perfumado, pairava aeria,  
numa attitude de voo, eu era feliz como  
se os deuses me tivessem dado o divino  
dom do esquecimento. Ah! meu amigo,  
nunca te fies nas mulheres que se jul-  
gam bellas. São terriveis! Colombina  
foi um philtro. Quando lhe dizia gra-  
ças, descerrava os labios de velludo ver-  
melho, num sorriso, que era uma pro-  
messa e uma esperanza. E toda ella,  
feita de graça, e de belleza, parecia uma  
flor mysteriosa, cheia de todos os per-  
fumes e de terriveis venenos, capaz de  
dar a vida e dar a morte. Eu a amei  
com a minha carne e o meu sangue. Nas  
noites claras, cantava-lhe, em bando-  
linatas doces, trovas de amor; dizia-  
lhe o meu affecto; honrava-lhe a graça  
fragil; o subtil encanto; o gesto lindo.  
Eu era sincero como todos os homens  
apaixonados. Amei Colombina com ar-  
dor. Cantei, para ella, as minhas melho-  
res trovas, ao luar. A minha felicidade  
estava na caricia de sua bocca. Como a  
amei!... A' noite pensava nella como  
se pensa na esperanza. A sua cabelleira  
era macia e perfumada como petalas.  
Ella era formosa e jovial como um raio  
de sol. A sua bocca, vermelha como o  
sangue, parecia uma taça maravilhosa.  
Cada palpação do meu coração era  
um louvor e um desejo para o seu corpo  
contornado, feito de neve e de perfume.  
E todo o meu sêr, como a flor que deseja  
o sol para desabrochar e viver, só tinha  
um pensamento: — Ella!... Ah!  
Colombina! Colombina! Si não me

desejavas para que provocaste o meu  
desejo!... Nunca a trahi. As minhas  
bandolinatas cantavam a sua graça,  
a sua juventude, o meu amor enorme.  
E ella, sabes o que fez?... Esqueceu-  
me. Um arlequim, um idiota d'ar-  
lequim, com uma espada ridicula,  
sem versos, sem musica, sem lyrismo  
ao luar, simplesmente com guisos  
conseguiu dominal-a. Ah!, meu amigo,  
tu não sabes a influencia que os guisos  
exercem nas mulheres!... Queres ser  
amado por ellas, finge-te de cretino  
e tel-as-ás subjugado... Todas as  
mulheres são colombinas. As peiores  
são as intelligentes porque, com mais  
habilidade, nos enganam. A mulher é  
a Victoria-Regia da mentira — flor  
de dissimulação. Evita-a, fuge della,  
como se fuge do perigo e do fogo. Ella é  
perfida como as ondas; terrivel como  
os incendios. Tu és joven. Não te  
apaixones nunca. Ama a ti, ama as  
artes, os sports, a poesia. Não  
creias que uma mulher te ame. E'  
uma mentira...!

Pierrot franziu a testa. E com o  
olhar agudo e negro olhou o absyntho  
que chegava.

— E' o veneno salvador, disse.  
As cousas más são sempre boas, porque  
nos dão a illusão da felicidade...

Frgueu o calice esguio, mirando-o  
entre os dedos. Depois, de um trago,  
esvasiou-o entre os labios rubros.

— Bemdito sejas veneno amavel que  
nos das o divino dom do esqueci-  
mento...!

PAULO DE GARDENIA.



## Noticiario Elegante



Mme. Humberto  
Antunes

**E**STEJOU no dia 8 as suas bodas de prata o illustre casal Humberto Antunes: vinte e cinco annos de uma união que merece ser considerada modelo exemplar do lar brasileiro. Todos quantos conhecem a dona bondosissima da elegante casa da rua Guabanara sabem admirar em Mme. Humberto Antunes a esposa e a mãe inexcedivelmente dedicadas, a *grande dame* intelligente e primorosa no trato e cuja divisa se poderia resumir nesta phrase nobre:—*Viver para a felicidade dos meus*.

O lar feliz de Mme. Humberto Antunes encheu-se de flores e de pessoas amigas no dia 8.

\*\*\*

**O** «Garden-Tea-Dansant» que o elegante A. C. B. offerece na Segunda-feira á mais selecta sociedade do Rio, promette ser uma festa encantadora e espirituosa. A *Revista da Semana* não quer ser indiscreta, descrevendo antecipadamente algumas das fantasias em que vão procurar disfarçar-se as nossas *smart beauties*. Respeitemos o sigillo das *ante-faces* e *louns* de setim e velludo! Os nossos leitores não perderão com a demora, pois não ha mal... nem mascara que sempre dure.

Aqui daremos a descripção pormenorizada das *toilettes*, a relação completa da assistencia, e até um relatório dos madrigaes, dos *flirts* e das phrases de espirito.

\*\*\*

**P**ORQUE Mlle. á ultima hora, resolveu não levar ao baile do Copacabana-Club o dominó de setim branco? Para poder dançar melhor com ... *elle*?

\*\*\*

**S**ABEMOS que uma das rainhas da elegancia carioca mandou fazer um sumptuoso *travesti* de *Pierrot*, a uma casa de modas da Avenida, para ir, com um grupo de diplomatas, visitar os bailes dos Clubs carnavalescos. Porque Mme. não vae antes de *Colombina*?

\*\*\*

**D**E que vae fantasiado o Conde? Nem se pergunta! Com aquelle bom humor juvenil, aquella gentileza de raça, que o tempo não cança, e aquelle grande coração que tem sempre vinte annos, o Conde irá fantasiado de *Cyrano de Bergerac*...

**A**LGUÉM nos escreve em papel deliciosamente perfumado propondo para o carnaval elegante de... 1916 o seguinte programma, para cuja execução perfeita um anno de preparativos não seria demais:

**Sabbado** — Festa veneziana na bahia de Botafogo: gondolas, dominós, trajos do seculo XVIII.

**Domingo** — Recita do «Barbeiro de Sevilha», no Theatro Phenix, por amadores.

**Segunda** — Batalha de flores em Botafogo.



O "SET", CARIOCA

Mme. Abreu Fialho  
Mme. Jorge Dodsworth

(Clichés Bevilacqua)

**Terça** — Grande baile de mascarar no Theatro Municipi, Orchestra de tziganos. Geias por *petites tables*. Fontes luminosas. Grande cotillon. Concursos.

O programma tem um grave defeito. E' bom demais. Até parece destinado ao Carnaval de Nice. Esqueceu mesmo o *corta-jaca*. E' imperdoavel. Condemnamol-o pela ausencia completa de côr local.

\*\*\*

**M**EDEIROS E ALBUQUERQUE, o jornalista illustre, o *diseur* eminente, que em Paris, na *Sorbonne*, foi ouvido, com applausos, pela mais fina socie-

dade parisiense, realizou na quinta-feira, 11 do corrente, no salão nobre do *Jornal do Commercio*, sob os auspícios da *Alliance Française* uma brilhante conferencia sobre *O Brasil e a guerra europeia*.

\*\*\*

**A**PALESTRA do notavel intellectual brasileiro teve uma concurrencia magnifica, vendo-se, na assistencia, os nossos mais notaveis vultos na diplomacia, no mundanismo e nas letras.

\*\*\*\*

**O** Carnaval é a festa deliciosa e adorada do carioca. Elle vive para os tres dias vibrantes e hellenos. As festas, os bailes, as batalhas de confettis succedem-se ininterruptamente. Ainda no domingo ultimo toda a Avenida se encheu de uma multidão colorida e jovial. As serpentinas cruzavam-se vertiginosamente; turbilhões de *confetti* rutilavam multicôres; e os lança-perfumes, vaporisantes e fugases, morderam docemente as lindas epidermes juvenis.

\*\*\*

**P**ARA Lima, onde vae ocupar o posto de 2º secretario da legação, junto á Republica do Perú, para o qual fôra recentemente nomeado, seguiu pelo *Principessa Masalda* o illustre sr. dr. Gustavo de Souza Bandeira, um dos mais elegantes cavalheiros do set carioca.

\*\*\*

**O** JOVEM diplomata, que é filho do illustre dr. Souza Bandeira, da Academia Brasileira, teve o seu embarque concorridissimo. Dejesamos as maiores felicidades ao distincto diplomata.

\*\*\*

**O** SR. commendador Luiz Liberal e sua exma. senhora, offereceram, no domingo ultimo, em sua residencia em Petropolis, um banquete ao sr. embaixador norte-americano. dr. Edwin Morgan.

Tomaram parte no *agape* os srs. dr. Carlos de Figueiredo e senhora; dr. Naboa, secretario da legação chilena e senhora; dr. Luiz Franco e senhora; mme. Henrique Mayrink, mme. Lage Braga e Cardoso Pereira.

\*\*\*

**O** serviço, como sempre succede na residencia do illustre commendador Luiz Liberal, foi irreprehen-sivel. Após o banquete houve uma encantadora recepção.





O Copacabana-Club, a elegante sociedade do bairro atlântico realizou, na sexta-feira ultima, uma brilhante *soirée* á fantasia. A festa, que esteve deliciosa, revestiu-se do maior encanto, como aliás sempre succede em todas da distincta associação.

\*\*\*

Na proxima segunda-feira de carnaval realiza-se com o maximo brilhantismo, no Theatro S. Pedro, a grande *matinée* infantil promovida pela *Gazeta de Noticias*.

\*\*\*

A FESTA, in'antil e carnavalesca, que terá um desusado realce, será talvez uma das mais bellas deste anno. Para assistil-a descirão, especialmente, de Petropolis innumeras familias de nossa melhor sociedade.

\*\*\*

O CORSO de automoveis na Avenida de Botafogo, na segunda-feira de carnaval, promovido pelo *Binoculo*, este anno será admiravel de elegancia e distincção.



P. de G.

ASSOCIANDO-SE ao *Binoculo*—o breviar elegante do mundanismo carioca — o A. B. C. organisou um prestito

magnifico, no qual tomarão parte todas as grandes sociedades carnavalescas do Rio.

\*\*\*

O A. B. C. pede por nosso intermedio para que o illustre ministro do interior permita que as bandas de musica e de clarins tomem na séde do A. B. C. os uniformes dos *clubs* carnavalescos do Rio. Ideia louvavel e elegante esperamos que o dr. Carlos Maximiliano a attenderá.

\*\*\*

#### MARIO PEDERNEIRAS

MARIO PEDERNEIRAS, o poeta espontaneo e suave, que fazia versos como os rouxinós cantam, falleceu esta semana.

E' sempre triste ver um poeta morrer. Filhos do sonho, os poetas, pela sua sensibilidade requintada e fina deveriam viver sempre, subsistindo com a sua raça e a sua nacionalidade. Mas, intelizmente, os poetas são mortaes como nós outros — passam como a fragilidade dos homens. E delles ficam somente, como desse suave Mario Pederneiras, uma nova attitude e algumas harmonias novas.

Mario Pederneiras morreu quando podia ainda crear lindas coisas delicadas. Mas, é preciso não esquecer a sabedoria daquelle verso de Haraucourt: *Il faut qu' on passe et qu' on meure... C'est la vie...*

A' inconsolavel familia do illustre extinto e á redacção do nosso brilhante collega *Fon-Fon*, a que pertencia Mario Pederneiras, a *Revista da Semana* apresenta as suas muito sinceras condolencias.

#### A "Revista" em Petropolis

Em toda parte do mundo ha phrases feitas. Cada aldeia, cada cantinho de terra como cada nação tem as suas expressões originaes, que se para outros nada dizem, para quem com ellas lidam tem immensas significações. Assim, Petropolis não podia deixar de lado este costume antigo. Elegante, preferida pelos venaristas, suas phrases feitas são elegantes tambem. Uma das mais communs é, sem duvida *ir á missa das onze*. Ora! *ir á missa* então é uma phrase feita? Certamente que sim. *Ir á missa das onze* não quer dizer somente que se vai á igreja, que se vai rezar, que se vai á casa de Deus para cumprir um dever christão ou para pedir pouzada para muitas dores e muitos desenganos! Não. *Ir á missa das onze* é mais ainda, é *ir á missa chic*, é *ir á missa* dos que accordam tarde e que se vestem bem, é *ir ao pateo da igreja* para ver vestidos lindos, os ultimos modelos de Paris, é *ir á igreja* para voltar em palestra até á Praça D. Affonso, é *ir ao rendez-vous* habitual da sociedade fina.

«Sim?» perguntará o leitor. «Mas... que sociedade frivola, meu Deus». Sobre a parte que toca aos homens eu não digo nada, porem sobre o que toca as senhoras protesto. Não ha mal nenhum, leitor amigo, em *ir á missa* com vestidos novos e caros. E' um pequeno capricho que a belleza das senhoras pede e que, em nada, prejudica o fervor de suas preces. A qual-

quer hora, em qualquer parte, não sabem ellas sempre em supplica levantar os olhos para Deus, cheios de crença, cheios de graça? Que fóra a sociedade, que fóra a nossa vida, se á piedade das mulheres, não se juntassem a graça de seus adornos e a frivolidade encantadora de seus habitos...?

\*\*\*

D'a 6 e dia 7 — Preludios de carnaval. Momo está louca por se ver á solta. Houve batalhas de confetti e lança-perfume na rua 15 de Novembro. Muita gente, muito pouca brincando. Assim mesmo em alguns pontos foram intensas e animadas as batalhas.

\*\*\*

Dz. o *one-step*, dançado como o sr. dança, tão exagerado, será melhor do que dançado direitinho?

\*\*\*

Dia 8 — *Matinée* na residencia da Exma. Sra. Baroneza de Rio Negro, dada pelas suas netas as senhoritas Alice Maria Monteiro de Barros e Alice Mello Teixeira. Foi uma linda festa na qual se reflectiu a graça e a gentileza de suas organisadoras. A festa começou ás 3 horas e até depois das 6 correu alegremente entre danças. Entre os convidados notamos: familias Candido Mendes de Almeida, Alencar Lima, Pinto Lima, Princesa de Belford, Mme. Fabio Ramos,

Miles. Leão Teixeira, Liberal, Magalhães Castro, S. de Souza, além de muitas outras pessoas cujos nomes nos faltam.

\*\*\*

MAIS vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga. Não acha este dictado verdadeiro, Dr?

\*\*\*

Dia 7 — *Matinée* no Palacio de Crystal em beneficio da Escola de Santa Cecilia. Foi uma esplendida festa na qual tomaram parte senhoras da nossa melhor sociedade.

\*\*\*

Dia 7 — Houve á noite em casa do sr. Luiz Liberal uma linda festa de fantasias. Brincou-se muito, dançou-se muito até tarde, correndo a noite rapida e deliciosamente.

\*\*\*

Mlle. M. M. R.

ESGUIA, baixa, clara, olhos grandes e negros, cabelleira escura e levantada, Mlle. é leve e graciosa como um sorriso apenas esboçado. A sua sihueta lembra a de uma duquezinha do seculo XVIII que ha tempos vimos representada n'uma agua-forte antiga.

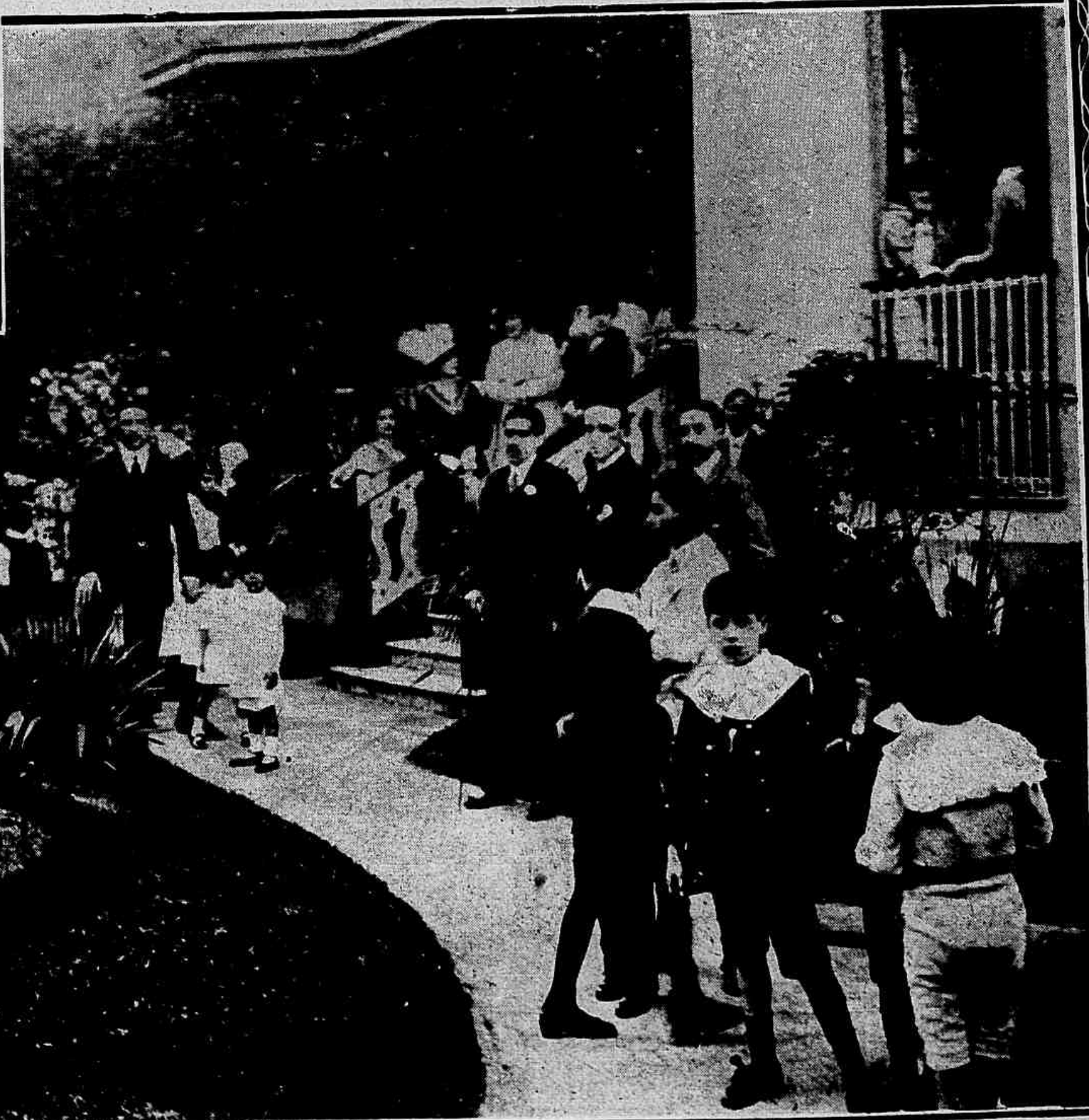
BRAZ.



A matinée infantil  
em casa da Senhora Baronesa  
de Rio Negro



1—Da esquerda para a direita: D. Letícia Leite Guimarães, Sr. Octavio Coutinho, Sra. Baronesa do Rio Negro, Sr. Conde Candido Mendes, Sra. Condessa Candido Mendes, Sr. Candido Mendes Junior, Carlos Netto Teixeira e Coronel Pedro Netto Teixeira. 2—Sras. Condessa Monteiro de Barros e Mme. Pinto Lima. 3—No jardim da residencia da



Sra. Baronesa de Rio Negro. Entre a assistencia, Mme. Motta Mala, Mme. Pinto Lima, Princesa de Belford, Dr. Augusto Pinto Lima, Dr. Leão Teixeira Filho, Dr. Claudio da Motta Mala, Coronel Netto Teixeira.





1—Da esquerda para a direita—Mlles. Rosalita Mendes d'Almeida, Solanges Ramos, Maria Augusta de La Rocque, Edel Ramos, Maria Amelia Soares de Souza, Theresa Magalhães Castro, Olga Pinto Lima, Alice Netto Teixeira, Dulce Liberal e Lina Leão Teixeira. 7 e 8 — As crianças nos lindos jardins da Sra. Baronesa de Rio Negro.

Foi uma festa encantadora a matinée infantil organizada pelas netas da Sra. Baronesa de Rio Negro, no domingo, na sua elegante residencia de Petropolis. Todo o *petit monde* do *grand monde* petropolitano se divertiu durante toda a tarde nos jardins floridos da illustre fidalga, que se alegrava com aquella côrte de infancia reunida em volta dos seus venerandos cabellos de prata.





# SORRISOS & FRIVOLIDADES



## BALADA DO CARNAVAL

EMQUANTO nas ruas guincha um Carnaval de ruído e lascívia, eu penso em ti; venho pedir-te uma máscara, meu amor.

A fada Titânia, que era de carne, mas leve como uma *maquette* do vento feita em nevoa, divinamente beijou n'um focinho de jumento que ella mesmo corou de rosas, a máscara suprema da illusão.

Foi isto no *Mid Summer Night's Dream*, de Shakespeare. Queres tu, meu amor, como Titânia, reviver aqui essa pathetica ironia?

Elisabeth da Austria, meu amor, amava tanto o lyrismo nihilista d'este simbolo, que em todas as suas villas e palacios o mandou figurar n'algum *panneau*.

E quem sabe, — talvez o visse ainda no instante em que *Luccheni* a assassinou...

Venho pedir-te uma máscara, meu amor. A que me deres, juro, será a ultima. Por vezes sinto, allucinadamente, que me dão os musculos da cara, de tantas que desde creança me collaram. A primeira, deu-m'a a minha mãe. Quando ajoelhada junto do meu berço me olhava horas inteiras a dor-

mir, ia dizendo baixo, como em sonho: «Elle ha-de ser assim, o meu filhinho...» E as suas brancas mãos, de veias altas, que uma fonte de amor intumescera, andavam já a modelar-me a alma, talhavam a minha máscara no silencio...

Mais tarde, na escola, deram-me outra. Talhou-m'a, n'um tecido aspero, a grosseria boçal dos camaradas e a illustrada estupidéz dos pedagogos. Nem imaginas quanto me doeu.

Tive depois amigos... Todos quizeram dar-me novas máscaras; e, com a camisa-de-força da amizade, como se faz a um alienado n'um hospicio, vieram subtilmente manietar-me, e prenderam-m'as nas orelhas, com nobreza...

Quantas máscaras, meu amor, nem eu já sei!... A Moral, a Tradição, a Lei. E então deu-se isto, que é tragico: o contagio ganhou-me, enfebreceu-me, e comecei eu tambem dentro de mim, como um cirurgião demente ou como um poeta a retalhar, a retalhar o pobre estofo, — o estofo da minha alma confrangida...

Tive máscaras p'ra dar e p'ra vender: de piedade, de sonho, e de heroismo, e afinal alli pódes vêr no meu cabide, a máscara de bronze do desprezo, que antes do chapéo e de fazer a risca, ponho todos os dias p'ra sahir...

Mais ou menos, amor, são assim todos. Tanto que ha em Paris um bom senhor (Jules Galtier se chama, creio eu) que, com o carnaval psychico que eu digo, construiu todo um systema: o *Bovarismo*. Cada um de nós quer ser um *outro*, como a madame Bovary, diz o philosopho; e como por sua vez,

todos os outros — familia, amigos, bem-amadas, e pulhas, e sublimes, e indifferentes — nos offerecem cada um a sua máscara, de tanto as amassarmos contra a cara, não podemos tocar a nossa pele, perdida, meu amor, como um bom humus escondido entre lavas corrosivas.

Sob todas as formulas politicas, para quem não seja apenas *um*, mas seja *alguem*, a vida é um carnaval penitenciario.

E' este o grande carnaval, o que me interessa; e o que vês nas ruas, nos salões e nos theatros, é uma farça anodina e menos limpa do que os dramas historicos, por exemplo, que levam á Gloria e á Academia.

Como se sae d'esses bailes, meu amor, com a pele viscosa, a alma em nojo, a aspirar a cousas sãs e a cousas bellas: ou melhor, nadar em pleno sol, na alegria dionisica das ondas, como um velho tritão, rico de um buzio, para chamar a sereia toda amada...

\*\*\*

Vem tu dar-me uma máscara, meu

amor. E's tão boa que mesmo a tua carne de certo sabe tambem a coração. Sê tu a minha Titânia, morena de olhos grandes e mãos bellas!

Li hontem (contigo... que nem sei onde estiveste). o D. Quixote, o ultimo capitulo.





## PUDOR FEMININO



O que ellas mostram ao sapateiro



O que ellas mostram ao cabellereiro



O que ellas mostram ao marido

Nada ha para mim tão grande e doloroso. E vê tu: o Cavalleiro da Triste Figura, meu amôr, é o *travesti* patetico e sagrado que o Destino arrancou já na agonia a esse pobre escudeiro Alonso Cano — estava a Morte ao lado a afiar a foice...

Dá-me uma mascara, meu amôr: nunca m'a tires. Como queres tu que eu seja?... Estou vasio como os olhos das estatuas. Cabe lá todo o teu sonho, meu amôr.

Só tres vezes falei contigo, mas conheço-te. Sei a tua piedade, o que ha em ti de segredo é o teu desejo; e sei tambem como a dôr deu á tua alma a *patine* macia da tua pele. Com o teu corpo flexivel de walkyria, ri nos teus olhos aquella sombra de tristeza de quem, ao estender as mãos para a vida, a viveu toda ainda antes de tocar-lhe... E a tua alma precoce de sibila conhece o além das sensações que não viveu, e que, a certos instantes do *Lo-hengrin* vi correr em ondas de som todo o teu crôpo e beijar bruscamente a tua nuca...

Mas eu quero dizer-te, meu amôr: se na vida não ha a felicidade, ha os sete circulos dolorosos e divinos, o dedalo sem fim da Decepção. E' para ella que eu venho convidar-te.

Não é a *Invitation à la Valse*, meu amôr. E' outra: voluptuosa e dolorosa. Só tu sabes que não ha sombra de *romance* n'esta phrase. A Decepção, amôr, é uma tragedia e um *bonbon fondant*... Falhar é o mais doce dos crepusculos n'uma paisagem de cidade — pedra e homens...

Foi á luz d'elle que Verlaine disse:

«Je ne veux plus qu'un air de flute  
Trés éteint sur des couchants lo-

Je suis fatigué de la lutte,  
Que je ne veux plus qu'un air de flute  
Trés lointain sur des couchants éteints.

Não é verdade que sentes estes versos até á raiz dos teus nervos, meu amôr?... Como eu.

A nossa lucta foi differente, mas a nossa fadiga é quasi a mesma. Tu sorris sempre, com desdem e com dôçura, e o teu sorriso é triste e lindo como um outomno de roseira branca...

Quero dizer-te, meu amôr, aqui, baixinho: «Eu não posso ter fé: dá-me uma mascara».

Ninguém tem pena de mim, mas tu és boa. Dá-me uma mascara, dá-m'a tristemente, como se cerrasses os olhos do teu noivo.

Que vou eu ser?... Vou ser o que quizeres. O que eu sei, o que eu senti ao ver-te, é que o Destino tecia á nossa roda. Ouve: eu vi bem nos teus olhos, mais que os outros. Na transparencia glauca de uma vâga, ninguém vê as algas a buscar-se, e ellas lá vão, cegas que vêm... que se encontram...

Falei-te só tres vezes, mas conheço-te.

E' carnaval: é sempre carnaval. Lembras-te ainda do que tu sonhas-te?...

Toma o sonho nas mãos, divina oleira, e modêla, modêla a minha mascara...

Antonio Patricio



CAFÉ Bellas Artes. 9 da noite. Bebo um café e suo tres chopps já bebidos. N'uma mesa perto um «príncipe», á falta de lança-perfume, lança... o que bebeu nas calças de um «apache».

Ha reboição. O «príncipe» insulta o «apache» que reclama a intervenção da policia. Esta, reconhecendo no ofendido um dos mais distinctos ornamentos da nossa sociedade, prende o «príncipe».

O «príncipe» (fitando o «apache»): — Trazem o rei na barriga, estes fidalgos!

O «apache» (desdenhoso): — Sucia de apaches!

Um *chauffeur* (baixo, ao «príncipe»): — Quando Vossa Alteza se dignar estar novamente agoniado, faça-me o favor de escolher ali o meu deposito.

O «príncipe»: — O deposito!?

O *chauffeur*: — Sim senhor. E' que nós agora trabalhamos a alcool.



— CREIO que o meu amigo aprecia muito a boa musica?

— Muitissimo, minha senhora — Mas não importa; continue V. Ex. tocando...



O SENADOR Vasconcellos, depois de narrar no Morro da Graça a partida magistral dos livros falsificados, de que foram victimas os candidatos omnipotentes do P. R. C.:

— Então, General, que diz a isto?

Todos esperavam, anciosos, a palavra fulminatoria de Jupiter. O General sorriu, e com o desprendimento de quem joga fóra a cinsa do charuto:

—Que se podia esperar de eleições feitas no Carnaval?







A resurreição dos grandes bailes á fantasia nos salões de Paris — A nossa pagina agrupa alguns dos convidados do grande baile á fantasia organizado, no carnaval de 1914, pela duquesa de Grammont, em Paris.—1 Condessa de Vieil-Castel.—2 Viscondessa Benoit d'Azy e o Conde de Ganzy—3 Mme. Barrachin e o Conde de Jumilhac—4 Mr. e Mme. Caro Delville—5 Condessa de Vieil-Castel—6 Conde de Ségur—7 Mr. Jacques Merlin, Mme. Narischkin e Mr. José Soto—7 Mme. Godard-Desmarais—9 Condessa Colloredo Mausfeld—10 Mr. Emile Ferry e Mme. Hart—11 Mlle. Botella e Mlle. de la Cornillière.—12 Duquesa de Grammont—13 Viscondessa Benoit d'Asy e Condessa de Gunay.



# Página do Poeta



## OBRAS-PRIMAS DA POESIA BRASILEIRA

### CABELLOS

#### I

Cabellos! Quantas sensações ao vel-os!  
Cabellos negros, de esplendor sombrio,  
Por onde corre o fluido vago e frio  
Dos brumosos e longos pesadellos...

Sonhos, mysterios, anciedades, zelos,  
Tudo que lembra as convulsões de um rio,  
Passa na noite calida, no estio  
Da noite tropical dos teus cabellos;

Passa travez dos teus cabellos quentes,  
Pela chamma dos beijos inclementes,  
Das dolencias fataes, da nostalgia...

Aureola negra, magestosa, ondeada,  
Alma da treva, densa e perfumada,  
Languida Noite da melancolia!

### OLHOS

#### II

A Grecia d'Arte, a estranha claridade  
D'aquella Grecia de belleza e graça,  
Passa, cantando; vae cantando e passa,  
Dos teus olhos na eterna castidade,

Toda a serena e altiva heroicidade  
Que foi dos gregos a immortal couraça,  
Aquelle encanto e resplendor de raça  
Constellada de antiga magestade.

Da Athenas florea todo o viço louro  
E as rosas e os myrtaes e as pompas d'ouro,  
Odysséas e deuses e galeras...

Na somnolencia de uma lua aziaga,  
Tudo em saudades nos teus olhos vaga,  
Canta melancolias de outras eras!...

### BOCCA

#### III

Bocca viçosa, de perfume a lyrio,  
Da limpida frescura da nevada,  
Bocca de pompa grega, purpureada  
Da magestade de um damasco assyrio.

Bocca para deleites e delirio  
Da volupia carnal e allucinada,  
Bocca de Archanjo, tentadora e arqueada,  
Tentando Archanjos na amplidão do Emyreo.

Bocca de Ophelia morta sobre o lago,  
D'entre a aureola de luz do sonho vago  
E os faunos leves do luar inquietos...

Estranha bocca virginal, cheirosa,  
Bocca de myrrha e incenso, milagrosa  
Nos philtros e nos toxicos secretos...

### SEIOS

#### IV

Magnolias tropicaes, fructos cheirosos  
Das arvores do Mal fascinadoras,  
Das negras mancenilhas tentadoras,  
Dos vagos narcotismos venenosos.

Oasis brancos e miraculosos  
Das frementes volupias peccadoras,  
Nas paragens fataes, aterradoras,  
Do Tedio nos desertos tenebrosos...

Seios de aroma embriagador e langue,  
Da aurora de ouro, do esplendor do sangue,  
Alma de sensações tantalisando.

O' seios virginaes, thalamos vivos,  
Onde do amor nos extases lascivos  
Velhos faunos febris dormem sonhando...





## Carta a um gérmanophobo sobre a guerra européa

Carnával de 1915

*Meu dilecto amigo*



MA semana inteira, com os unicos re-  
pousos da batalha de confetti da Aveni-  
la e dos bailes nos consagrados templos  
da folia — *Carnaval oblige!* — passei

eu a torragear  
na Historia Uni-  
versal os mate-  
riaes para uma  
tremenda, uma  
apocalyptica des-  
compostura na  
barbarie teuto-  
nica. Minhas es-  
ranças em pôr  
de accordo o pas-  
sado com as accu-  
sações do pre-  
sente eram inu-  
meraveis. Evi-  
dentemente, pre-  
sumia eu, a His-  
toria Universal,  
por cuja vasti-  
dão nunca se  
haviã perdido  
os meus olhos —  
não tenho pejo  
em confessal-o,  
pois que sou um  
jornalista, e como  
tal a confissão  
não pode causar  
estranhesa aos  
que não forem  
abjectamente  
ignorantes... —  
me haveria de  
offerecer a cer-  
tidão de idade  
da inominavel  
selvageria dos  
barbaros louros  
que habitam a  
Europa Central  
e contra cujos  
hediondos exces-  
sos de crueldade  
se ergueu o pro-

testo quasi unanime dos nossos patricios, entre  
os quaes destaco, com muita veneração e algum  
terror a inexoravel phobia do meu dilecto e culto  
amigo. Mas envergonhadamente confesso que dos  
meus passeios pela Historia Universal, de onde  
regrasso cançado mas sapiente, não encontrei,  
a datar da aurora da civilisação européa, os tre-  
mendos, os irrefutaveis documentos que, no dizer  
do meu amigo, provam a incorrigivel, a desca-  
roavel, a sanguinaria carniceria dos allemães. Sin-  
to-me desalentado com as graves lacunas da His-  
toria e com a inclemencia do calôr! Dar-se-ia



*A dança da moda em 1915*

(Caricatura do "Ulk", de Berlim)

o caso, aliás commum nas pessoas da sua vultuosa  
cultura, de que o meu amigo esteja equivocado?  
Não; não me vá já considerar allemão, e incluir  
no partido dos destruidores de Louvain e dos bom-  
bardeadores da Cathedral de Reims, só porque eu  
me atrevo, vencendo a minha proverbial timidez,  
a admittir que o meu poderoso amigo se tenha  
equivocado. Não quero brigas, mesmo porque,

quando tenho  
medo, sou terri-  
vel. Acalme-se,  
tome uma limo-  
nada gelada, e  
leia-me com o  
bom humôr com-  
placente de que  
deve revestir-se  
todo o bom ca-  
rioca em sabbado  
gordo. Vou jus-  
tificar-me. Não  
vou innocentar a  
barbarie allemã.  
Seria imperdoa-  
vel. Pretendo  
apenas mostrar-  
lhe a ignorancia  
da Historia Uni-  
versal — dessa  
immensa Histo-  
ria Universal que  
eu ignorava tão  
completamente,  
mesmo — através  
dos resumos do  
Larousse, e que  
suspeito deve ter  
sido escripta, des-  
de a queda de  
Roma até á que-  
da de Liège, por  
gerações succes-  
sivas de histo-  
riadores alle-  
mães, tão abso-  
luta é a ausencia  
de documentos  
que nella se no-  
tam para testem-  
unhar a bar-  
baridade carac-  
teristica dos teu-

tonicos, vergonha da Europa e da Humanidade.

Com a pressa com que o viandante atravessa  
um nauseabundo campo de batalha, coalhado de  
mortos, assim eu atravessei o periodo barbaro da  
Edade-Media. Ahi mesmo, entre tanta e hedionda  
carnificina, o papel que os historiadores distri-  
buem aos povos que constituem a Alemanha de  
hoje é — veja que desafôro! — o de uma heroica  
barreira interposta entre os barbaros e as civili-  
sações christãs da Europa Occidental! São os ger-  
manicos que conteem as populações ferozes da Rus-  
sia, dos Balkans, do Caucaso e as invasões turcas.





*O exercito inglez da primavera*

(Do "Sketch", de Londres).

Mas depois principia uma grande confusão para a minha altiva ignorancia. Surge um Imperio da Allemanha, que nada tem que vêr com o Imperio da Allemanha do nosso abominavel Kaiser. Uma grande trapalhada, meu amigo, inventada, naturalmente, por um allemão com o fito de nos occultar a verdade. Basta dizer-lhe que, no fim do seculo XV, quando a Inglaterra, sempre a ferro e fogo com a França, estava socegadoamente installada em Calais (nes-te mesmo Calais que, hoje, os ingleses auxiliam a França a defender dos allemães!) a Europa era constituida pelos grandes reinos de França e Inglaterra, pelos pequenos reinos de Portugal, Castella, Aragão, Navarra, Sicilia, Napoles, Suecia, Dinamarca, Hungria e Polonia, pelos Estados da Egreja, pelas republicas de Florença, da Suissa e de Venesa, pelos ducados de Milão e de Saboya e, finalmente, pelo Imperio.

Este Imperio, que assim nos surge de improvisto, é uma cousa grande, grandissima, um Imperio calibre 420, e chama-se a Allemanha! A sua extensão correspondia



*Os primeiros prisioneiros turcos da Inglaterra*

(Do "Sketch", de Londres).

aos territorios occupados pela Allemanha moderna, á Hollanda, á Belgica (sim, meu amigo, á Belgica!), ao Luxemburgo, á Alsacia, á Lorena, ao Franco Condado e á quasi totalidade da Austria actual. O Sacro Imperio cortava a Europa, na sna

#### NUMA RUA DE BERLIM

—Olha, Margarida, este pobre soldado que nem sequer tem a Cruz de Ferro!  
—Coitadinho!

(Do "Bystander", de Londres)



parte central, em toda a largura, desde o Mar do Norte ao Mediterraneo. Mas este formidavel Imperio, pela sua organisação era fragillimo. Não passava de um retalho de mais de quatrocentos Estados: eleitorados, principados ecclesiasticos, arcebispados e bispados, feudos e cidades livres. Havia, é certo, um Imperador, mas este Imperador não era hereditario, mas eleito, exactamente como os nossos Presidentes. O Imperio não passava de uma palavra. O Imperador não passava de um titulo.

Como vê, esta Allemanha não nos interessa. E' a Allemanha dos Habsburgos a que só muitissimo mais tarde succedeu a Allemanha dos Hohenzollern. Houve, é certo, e se nisto ainda a Historia Universal não nos engana, um Imperador Carlos V, a quem a Europa deveu o inestimavel serviço de a salvar dos turcos (hoje alliados do seu longinquo descendente!),





9<sup>a</sup> MANHÃ - S.A.  
ESCAPA DE UMA  
GRANADA EM  
REVIÇNY



10<sup>a</sup> MANHÃ - NO  
HOSPITAL EM  
AIX-LA-CHAPELLE



11,30<sup>a</sup>  
MANHÃ  
FOJE DOS COSSACOS  
EM  
VARSOVIA



2<sup>a</sup> TARDE -  
S.A. É ENTERRA-  
DO SOLEMNEMEN-  
TE EM BERLIM



3<sup>a</sup> TARDE  
PÔE A SAQUE  
UM CASTELLO



4<sup>a</sup> TARDE - S.A.  
É SEVERAMENTE RE-  
PREHENDIDO EM PO-  
TSDAM PELO IMPERA-  
DOR.



7<sup>a</sup> TARDE - S.A. PRE-  
SIDE EM METZ A UM  
GRANDE BANQUETE



10<sup>a</sup> Noite - S.A. e  
ENTERRADO NO CAMPO DE  
BATALHA, na PRUSSIA  
ORIENTAL

MEIA-NOITE - S.A.  
REDIGE O PROGRA-  
MA DO DIA SEGUIN-  
TE...



Thomas MORGAN



mas este Carlos V nada tem que vê com o nosso caso! Até agora, a Prussia militarista ainda não surgiu. O que se vê até aqui é a França a batalhar com a Inglaterra, a Inglaterra a batalhar com a França, em guerras que não acabam mais.

Da Prussia, nem signal! Quem faz as guerras são os civilizados. Os barbaros, pobres delles! são apenas as suas victimas. Emfim, de 1618 a 1648, a Allemanha foi o theatro de uma longa guerra: a *Guerra dos Trinta Annos*, que principiou por ser uma simples guerra civil dos Estados da Casa d'Austria, se transformou depois numa guerra allemã e degenerou numa guerra europeia, em que tomaram parte a Dinamarca, a Suecia, as Provincias Unidas, a Hespanha e a França, que não per-



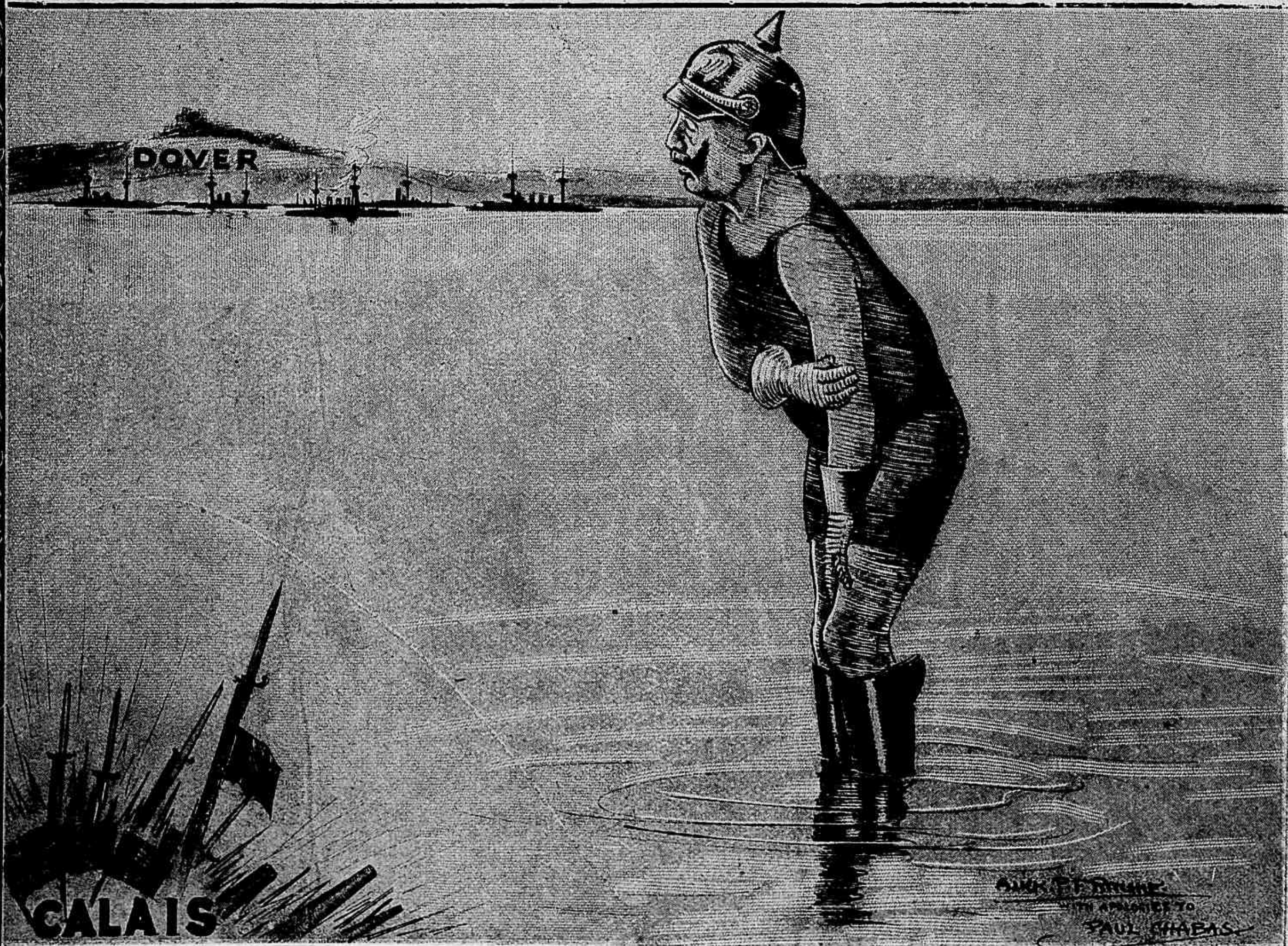
#### OS DOIS GUILHERMES

*Guilherme o Conquistador e Guilherme o Inconquistavel*  
(Caricatura italiana)

dia ensejos para dar vassão ao seu genio guerreiro, e que foi figura principal do drama a contar de 1635. Foi nesta campanha memoravel que a França conquistou a Alsacia allemã e arrancou á Hespanha o Artois e o Roussillon. Como a Allemanha de Guilherme II, a França de Richelieu tinha um grandioso projecto: *mettre la France en tous lieux où fut l'ancienne Gaule*.

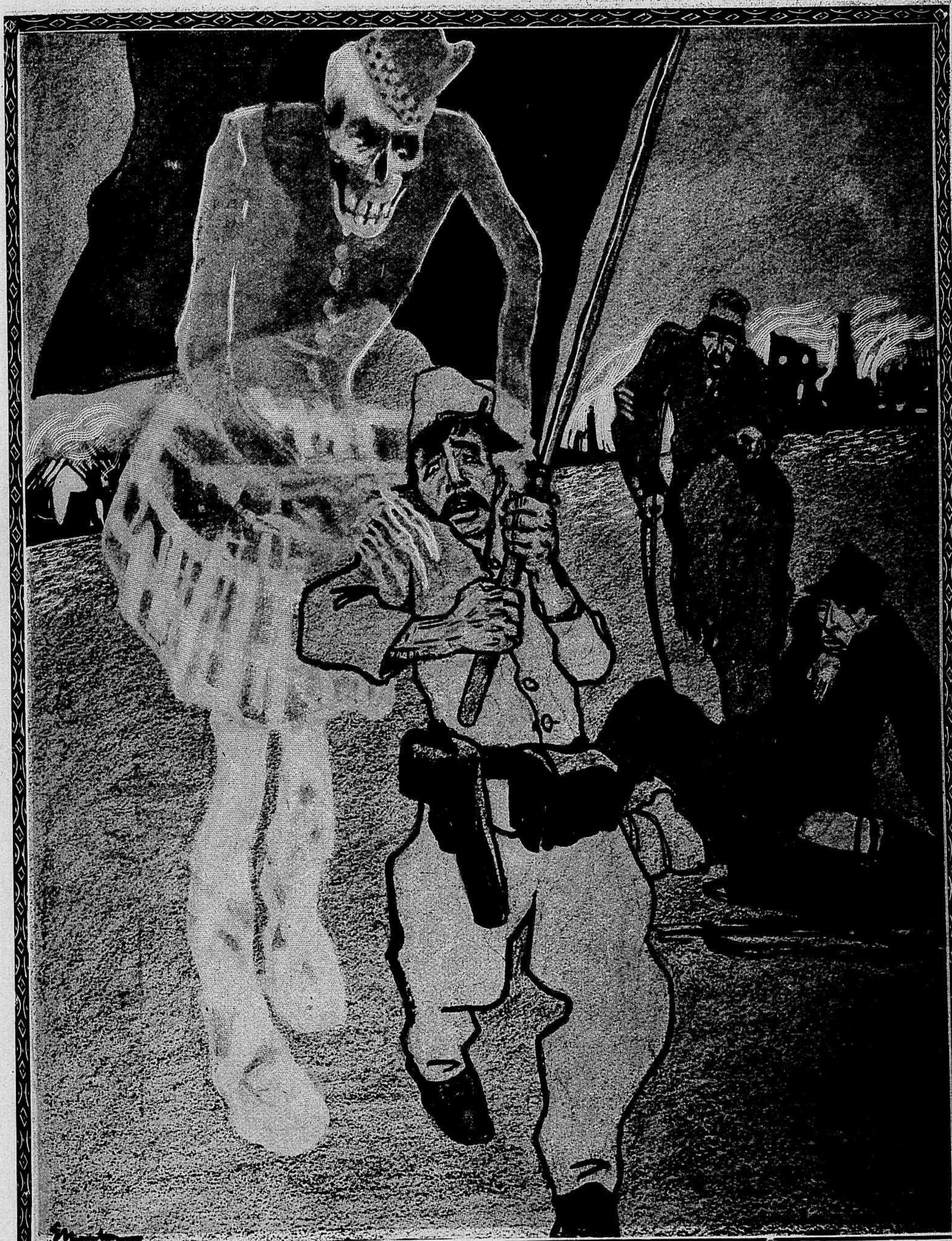
Ah! esta valente França, meu valente amigo, como ella se parece espantosamente com a Allemanha de hoje, nos tempos em que era ella que presidia aos destinos da Europa e a continha sob a ameaça dos seus exercitos admiraveis! Como ella se bate, esta esplendida, esta sublime França! Como ella sabe devastar paizes inimigos, destruir cidades e cathedraes, escravisar os povos! E que marechaes ella tinha! Os

#### MANHÃ DE FEVEREIRO



Versão humorística do quadro de Paul Chabas. "Matinée de Septembre" (do "Bystander")





A Inglaterra — Vem agora tu, meu heroico Portugal e meu dilecto alliado... Vem combater por mim no Egypto  
(Caricatura allemã)

Moltkes eram d'ella, então. Chamavam-se o Grande Condé e o Grande Turenne! E como lhe não bastava a Europa para conquistar, os seus almirantes atacavam as colonias portuguezas da Africa e da America, trasiam as suas náus até ao Rio de Janeiro. A Prussia era ainda um pantano e já ella desfraldava a sua bandeira guerreira ao vento de

mil batalhas heroicas. A sua maior gloria é a guerra. O seu mais glorioso officio, batalhar. E ella batalha incessantemente, contra a Hollanda, contra a Inglaterra, contra a Austria, contra a Hespanha, contra tudo e contra todos. Admiravel França!

Na verdade, ella só descança de combater quando a Inglaterra a vence e se torna a arbitra da Eu-



ropa Occidental, instalando-se em Gibraltar, na Terra Nova e no Canadá.

No século XVIII, transformações capitais se operam na carta política da Europa. A Polónia desaparece. A Suecia decahe. Surgem em scena a Russia e a Prussia: as figadaes inimigas de agora.

Finalmente, eis-o, o militarismo prussiano, que nasce, o maldito! e que nasce tal qual como nasceram o agressivo militarismo francez, o façanhudo militarismo portuguez, o truculento militarismo hespanho!, todos os militarismos. A Prussia não é um Estado de que a natureza houvesse traçado as fronteiras. E' uma ideia realisada por uma familia e um exercito. A França teve Carlos Magno. Portugal teve Affonso Henriques. A Prussia teve a familia Hohenzollern, cujos chefes, animados por um maravilhoso espirito de continuidade, como os Capetos franceses da Edade Media, trabalharam sem descanso para o mesmo fim. Esse fim era a reunião em um Estado unico de fragmentos de Estados: ducado de Clèves, eleitorado do Brandeburgo, ducado da Prussia, etc., dispersos aos



A "Triplece Entente" como a via o humorismo allemão ha tres mezes

(Do Lustige Blatter)

quatro cantos da Alemanha, das margens do Rheno ás margens do Vistula, das montanhas do Sul ás costas do Baltico e do Mar do Norte. Terminada apenas em nossos dias, em 1866, esta obra de unificação principiou no século XVII pelo Grande Eleitor, continuada no século XVIII por Frederico Guilherme, o Rei Sargente, e por Frederico o Grande (1740-1786).

Não é para estranhar que só tão tarde este povo militarista tenha conseguido conquistar... o seu proprio territorio?

Se a Historia Universal não é uma historia da Carochinha, escripta para embalar creanças allemãs, o pae de Frederico Guilherme, contemporaneo de Luiz XIV,

herdara do pae 230 soldados! E eram talvez de chumbo, coitadinhos! Para um povo militarista ha de concordar o meu douto amigo que são soldados de menos. Este Frederico, que os boches denominaram o Grande Eleitor, não foi ainda — que desespero! — o que se pode chamar um rei militarista. Krupp ainda não tinha vindo ao mundo,

O General Joffre (ao General French): — Mas, sr. French, onde estão as vossas reservas?

Neptuno (á sua cara esposa): — Por quem nos toma aquella baleia, que não nos saudou?

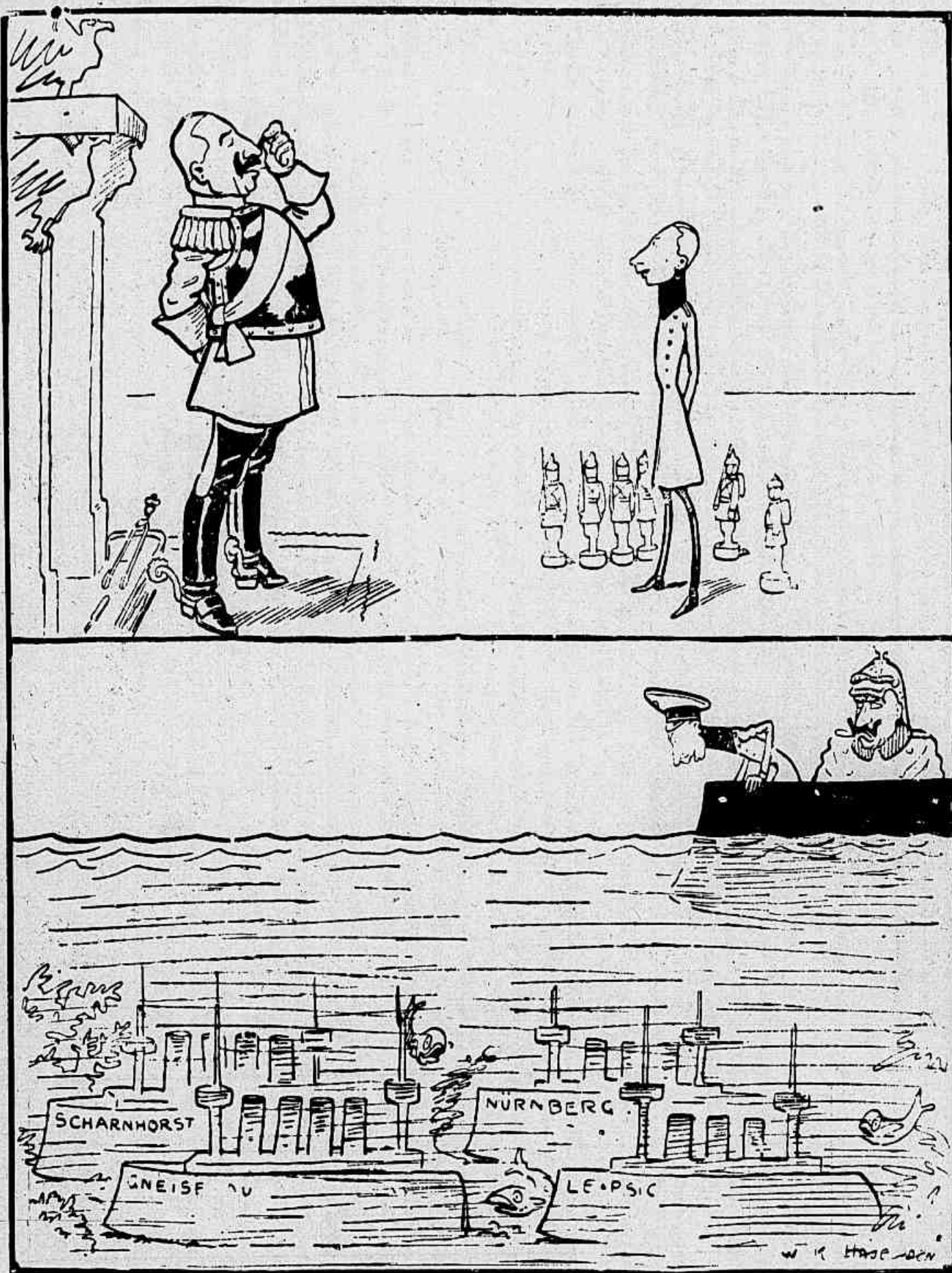


O General French: — Estão reservadas para a entrada triumphal em Berlim. — (Carieatura allemã)



Amphitrite: — Penso que levou, coitada, com uma bala! os ingleses tomaram-na, talvez por um sulmarino. — (C. allemã).





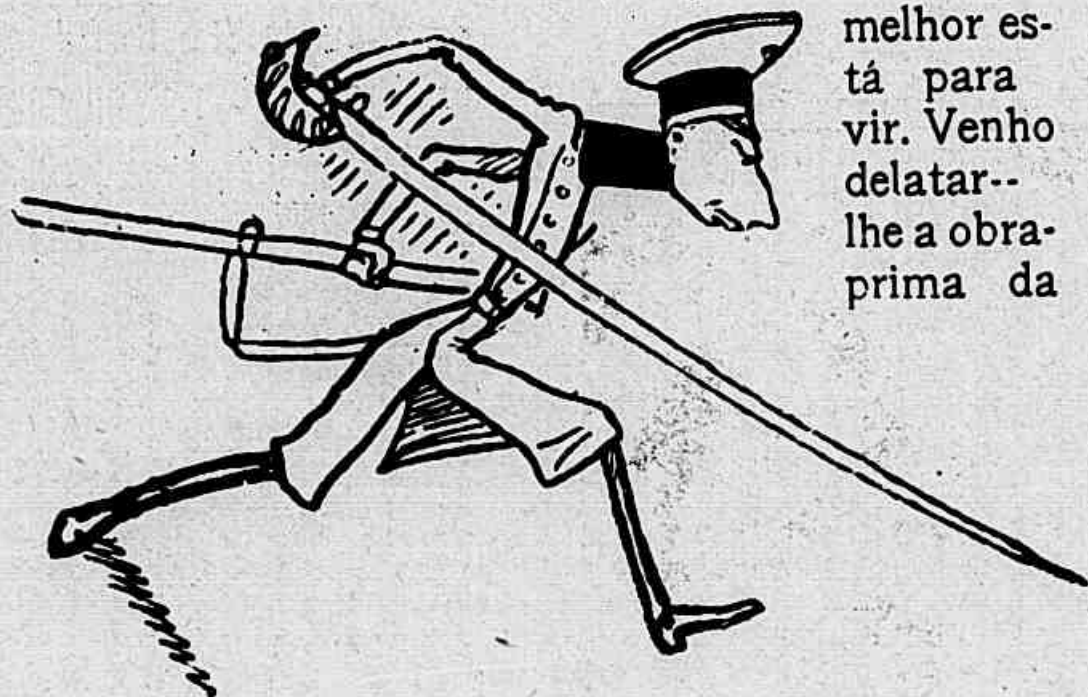
I—O grande Guilherme ao pequeno Guilherme : — *Nunca esqueças que o futuro da Alemanha está nos mares.*

II—O pequeno Guilherme ao grande Guilherme : — *Pae, disseste-me um dia que o futuro da Alemanha estava nos mares. Em cima ou no fundo ?*

(Caricatura inglesa de Haselden).

e este grande rei prussiano entreteve-se prosaicamente e pacificamente a colonisar os seus latifúndios pantanosos e estereis. Foi assim que abriu o Brandeburgo, como local de asylo, aos perseguidos de todos os paizes. A revocação do edito de Nantes enriqueceu-o com vinte mil refugiados franceses, que transformaram Berlim, que preencheram os quadros de cinco regimentos, que ensinaram, numa palavra, aos barbaros allemães, as artes, as industrias... e a guerra dos civilizados.

Dar-se-ha o caso de que o militarismo prussiano tenha tido origem nestes cinco regimentos franceses ? Calumnias; tudo calumnias, para comprometter a França. Ah! nós conhecemos a duplicidade allemã!



Mas o melhor está para vir. Venho delatar-lhe a obra-prima da

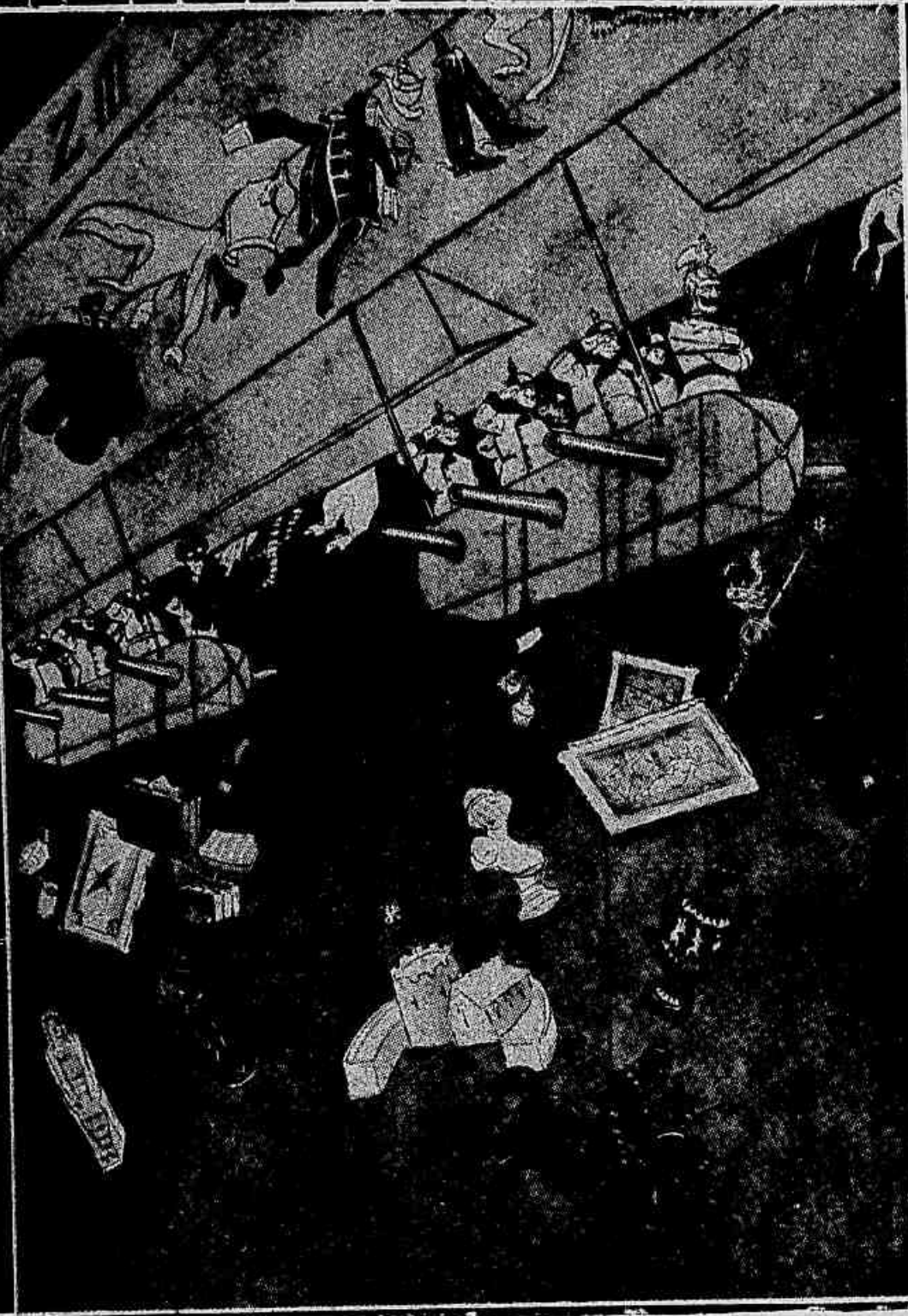
diffamação allemã. Quando eu mais contava encontrar o documento da crueldade allemã, agora que já existia, finalmente, a Prussia, que é como quem diz o réu, imagina o meu amigo o que eu encontrei na Historia Universal? Uma grande revolução, onde oito mil desgraçados — mulheres, padres, creanças, fidalgos, poetas, sabios e monstros — são guilhotinados, onde se

commettem as supremas crueldades, onde se mata, destróe, saqueia, assassina em proporções inauditas e hediondas, onde as egrejas se converteram em locais de orgias, onde se suppliciam donzelas e mastyrizam adolescentes! E passa-se isto em França! Ou o meu dilecto amigo está equivocado, ou estes Marat, Robespierre, Fouquier-Tinville e outros scelerados semelhantes são genuinos allemães e devem chamar-se Von Marat, Von Robespierre, Von Fouquier-Tinville. Para isto me inclino.

Mas ouça, porque ainda lhe não contei tudo. Depois desta grande bacchanal de sangue, surge um militar que os historiadores allemães affirmam ter nascido na Corsega, e então é que é vêr o militarismo francez! Desconfio que tudo isto é a obra systematica da diffamação allemã. Mas antes não fosse! Porque o meu ccação bate como um tambor ao lêr estas paginas á romana do militarismo francez! Com um tal Napoleão á frente, os nossos valentes franceses, durante dez annos, passeiam pela Europa, conquistam, dizem, saqueiam, ganham batalhas, entram em Berlim, em Vienna, em Lisboa, em Madrid, em Milão, em Moscou, põem a Europa a ferro e fogo, fazem fugir os reis, bloqueiam a Inglaterra — exactamente como agora a insolente Alemanha intenta bloquear-a... — levam para Paris os quadros italianos — veja que calúnia! — e batem, batem, batem em prussianos, russos, hespanhoes, portugueses, italianos, hollandeses, bavaros, saxonios, austriacos, que até parece que esses gloriosos demonios teem o diabo no corpo! E é bello! Deixe lá o meu amigo, que o militarismo, quando não é allemão, é bello, mesmo quando destróe, mata, incendeia e pilha! O que esses nossos endiabrados franceses fizeram por essa Europa toda! O meu amigo calcula lá! Convido-o a ler a Historia Universal. Em Portugal, assavam camponeses no espeto! Na Hespanha, foram taes as pilherias macabras a que se entregaram, que ainda hoje, em Saragoça, ha familias que vestem o luto das mortandades de ha um seculo—ou não fosse a Hespanha um paiz conservador! Levados do demonio, estes nossos irmãos franceses! Ou







#### O REGRESSO DE LONDRES DEPOIS DA INVASÃO AEREA

*O Zapellin imperial regressando a Berlim com os  
desespojos da Guerra*  
(Caricatura do Rystander)

#### O NOVO PLANO EM ESTUDOS

*Prevendo o insucesso dos seus outros planos, a  
Allemanha cogita em mandar as suas tropas á In-  
gloterra pelo fundo do mar.*  
(Caricatura inglesa)

não fossem elles latinos e não tivessem por incertos antepassados os espectadores do Circo romano!

Mas, como bem dirá, tudo isto é muito remoto, muito vago, muito longinquo. Depois destas tropelias da meninice é que a liberalissima Inglaterra e a França das artes e das lindas mulheres deram ao mundo o exemplo da cordura, em contraste com a barbaridade teutonica... E todavia, a Historia Universal — essa mentira allemã! — teima em mostrar-nos a Inglaterra e a França, por todo o seculo em que ambos nascemos, a conquistar pelas armas o Egypto, a Tunisia, a Algeria, Madagascar, o Tonkim, o Sudão, o Transvaal, o Orange, a affogar em sangue as rebeliões da India, sempre em guerras de conquista, não sendo militaristas, enquanto a militarista Allemanha não obtem pelas armas nenhuma das suas colonias: migalhas cahidas da mesa lauta da França e da Inglaterra.

Ha Sadowa? Ha Sedam? E' verdade. Assim o verifiquei. Mas antes houve Austerlitz, houve Iena, houve Wagram; e o que me espanta é que a França, que tinha Turenne quando o Grande Eleitor tinha 230 soldados, a França que desde Rolando a Napoleão foi a



nação dos guerreiros invenciveis, que ensinaram a Europa a batalhar, dê a entender, por intermedio do meu amigo, que está combatendo contra o militarismo allemão, de mãos dadas com as avalanches russas e com o militarismo naval inglez.

Afinal, o que me parece é que ao militarismo prussiano se podia dar, com menos emphase, o nome de *instincto de conservação*...

O meu amigo meditará.

O calôr é suffocante, e sem mais demora vou seguir o seu erudito conselho: beber uma *Teutonia*, da Brahma, gelada!

Bebel-a-hei, com a sapiencia com que regresso da minha excursão pela Historia, em honra do unico militarismo que nós, germanophobos, admittimos:

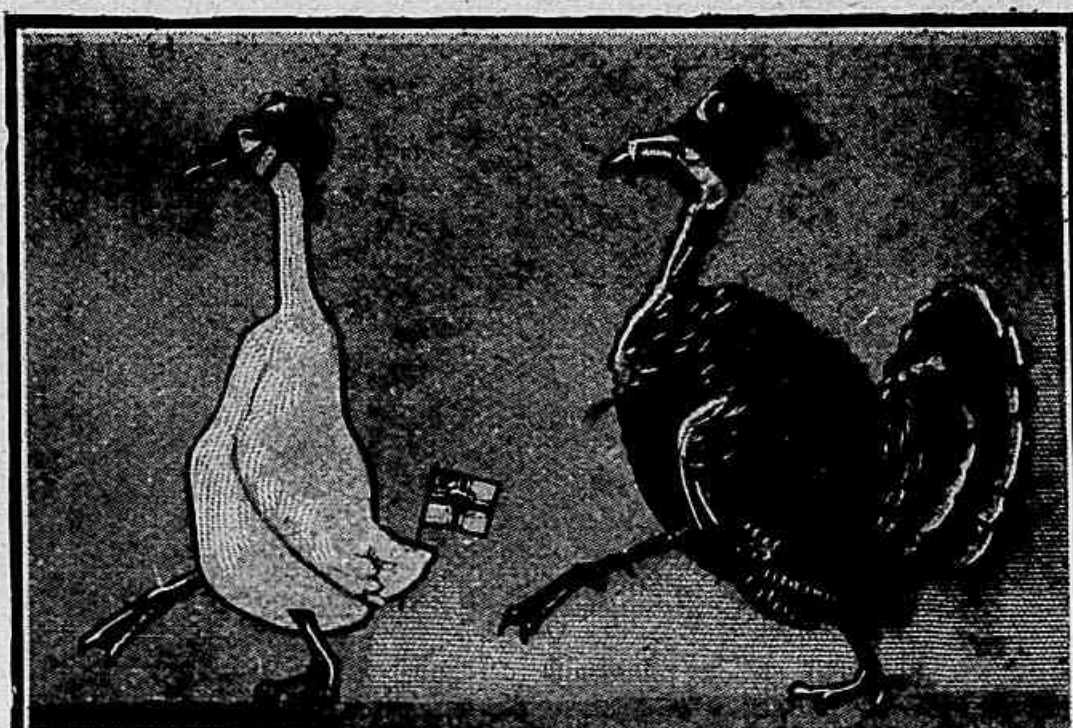
o militarismo da raça latina, que desde Cesar a Joffre, com licença do meu terrivel amigo, ensinou aos povos que o primeiro dos deveres patrióticos é ser forte!

Que calôr! Que calôr!

E que bêa a Teutonia!

*A Turquia aprende o passo do Ganso*

(Caricatura inglesa)





# A Arte na Educação da Mulher

(Continuação)



A ALMA do homem será a principal casa da Justiça; a da mulher, a da Bondade; ambos, porém, homem e mulher, devem receber, em intimo salão commum, a divina Arte, e prestar-lhe homenagens com semelhante entendimen-

passa, depois, a gente metade da existencia a esperar que as cousas e as almas nos deem aquillo que nós imaginamos que ellas nos prometteram dar; — passa-se metade da existencia a soffrer que os homens não sejam o que nós que-



to e commoção, pois todos devemos ser artistas, senão criando, pelo menos compreendendo e admirando. A vocação cria o artista; a instrução prepara o admirador. A admiração torna-nos a alma leve e feliz, e por isso devemos ser gratos ás cousas bellas que nos causam prazer. Admirando, melhoramo-nos. « *L'admiration est dans la raison directe de la bonté* » — disia Renan. Admirar é rezar.

O homem vive de illusão. E' o pão nosso de cada hora. As almas sobem como o fumo; a busca do ideal é a fuga aos desgostos da vida real, quando menos bem comprehendida; é um instincto de defesa, que solicita o homem a robustecer-se com nobres visualidades; é, emfim, o progresso espiritual e moral da consciencia. A illusão é fecunda. A illusão é vida. Constrúa a mulher em si essa sã reserva de sonho, cultivando o amor pela Arte. Em vez de excitar a sua imaginação nos devaneios das novélas mentirosas, senão inquietadoras, pouse-a em aspectos concretos, crie gosto pelas linhas, pelas fórmás, pelas côres, isto é, pelas artes plasticas — campo dilatado para a vida dos sonhos, caminho para a felicidade que todos buscam, afadigando-se, atropelando-se, matando-se, — que todos buscam nas multiplas incertezas da vida exterior, ella, que, afinal, só existe, como occultos millonesimos de millionsimos de milligrammas de radio precioso, no fundo do nosso peito, que é, como quem diz, no culto tenaz dos mais serenos e bellos principios que nos constituem. Ah, quando esse intimo cantinho da nossa vida interior é illuminado por semelhante sonho, tal luz, forte e pura, ensina-nos a ter piedade de todas as miserias da vida externa e d'ella nos affasta com generosa repugnancia! A vida interior é a unica vida verdadeira. Faz-se vida interior, fazendo vida artistica.

Mas, cautela, que nenhuma destas ideias nos conduza á absorpção do misticismo, ao desgosto da realidade, á renuncia de viver, pois, pelo contrario, é d'ella — da vida — que devemos partir, estudando-a, interpretando-a, penetrando-a, amando-a. Quer-se idealismo nascido do realismo; idealismo que seja a comprehensão superior da verdade, e não idealismo exaggero das abstracções irrealisaveis — sonho doentio, posto em esferas suprasensíveis, sonho criado pela fantasia que se aborreceu da verdade, que não entendeu nem amou; — emfim, quer-se idealismo fecundo, irrompendo da vida fecunda. O contrario é erro. Habitando, na infancia, o espirito a essas mentiras,

riamos que fossem, e que a vida se nos depare diversa daquillo que nos insinuaram que era. Sejam sádios nas nossas concepções e prudentes nos nossos desejos.

\*\*\*

Ninguém como a mulher está tão bem disposta para a Arte, porque ninguém como ella nasceu tão robustamente preparada para a dôr. Todo o sentimento dolorido está nas fronteiras da arte. De regresso da Suissa, dizia-me uma vez Guerra Junqueiro que nessa colorida terra de montanhas encimadas de neve que o Sol ora prateia, ora incendeia; de florestas de macios abetos; de fartos prados verdes em que medram gados; nação acolhedora e tranquilla — nessa terra feliz, onde a paz viceja, não havia arte, porque não havia dôr. Dôr! Quanta poesia ha no beijo da magua com o sonho! Os poetas são os seres que mais se parecem com os artistas, porque os dois vivem na melancolica aspiração do mito da Bellesa ausente; e gosam e soffrem de a entrever. Em ambos, os mais vivos prazeres do coração são voluptuosamente golpeados por imperceptiveis pezares. Em arte, a alegria é parturida com dôres; como a mais perfeita e apparente serenidade é conquistada por entre tempestades de esforços. Todo o artista é um amoroso; mas o amoroso só converte o seu amor em arte, quando disciplina o sentimento, e, consciente, sereno, o molda em harmonia.

Se a arte aformosea as almas, e, portanto, as melhora, na alma da mulher — um maguado jardim — a arte adelgaça ainda mais a sua trama delicada, susceptibilizando-lhe a consciencia, que logo se constitue em bem amanhado campo para forte seara de bellas moraes.

Como os desmandos do idealismo doentio, a que já me referi, conduzem ao misticismo pernicioso, igualmente a arte insignificante leva a mulher futil a futeis excessos, se justos principios não antecederam as suas tendencias estéticas e lhe não derem alto sentido. O luxo por exemplo, é um desses excessos, em que collabora uma insidiosa amiga: — a vaidade. O luxo é a arte dispendiosa e pretensiosa. E' um vicio. Só espiritos vulgares confundem arte com luxo, suppondo que não pôde haver arte fóra da riqueza. Para esses, arte e luxo são sinonimos. Um vestido só é lindo, quando rico; um movel só é artistico, quando caro; uma peça de ourivessaria só é bella, quando feita

de pedras e de metaes preciosos. Se só o ouro, a prata e os marmores fossem bellos, onde ficariam as figuras de Tanagra, que são de barro, os Delfts, que são de argila, os arabescos de granito e as grades antigas de ferro forjado? A grande Athena Parthénos, de Phidias, não era bella por ter as carnes de marfim e as roupagens de ouro, mas por ser a mais perfeita realisação plastica da alta ideia antiga da deusa da belleza, da intelligencia e da força. Como a materia que se emprega nada tem com a belleza da forma, igualmente o tecido que se usa é independente da estesia do corte e das côres combinadas.

ANTERO DE FIGUEIREDO.

(Continúa).





VENHO talvez aborrecel-as, falando-lhes novamente dessa linda, dessa agradável, dessa proveitosa e honesta arte

que se chama o adorno da casa? Si o assumpto não lhes agrada, voltem a pagina, ou procurem outra revista, menos brasileira do que esta, e onde se encontrem mais excitantes artigos sobre a arte de... sujar a casa.

Aos industriaes do escandalo, aos exploradores do vicio, não importa que a casa brasileira, em vez de se aperfeiçoar em belleza e virtude, se corrompa em fealdade esthetica e moral.

Eu, porém, amo a minha terra, amo as mulheres minhas irmãs, que nasceram e vivem nella, e se um desgosto profundo me afflige é que Iracema não possa multiplicar-se em qualidade e quantidade para que as mulheres brasileiras encontrassem por toda

## O adorno da casa

a parte, a aconselhal-as, vozes amigas, capazes de as advertir dos mil perigos que as ameaçam a cada passo. Abri os jornaes e as revistas e os livros que ainda se publicam e vendem. Com raras excepções, o que vereis é a obra systematica da desmoralisação da mulher; o que ouvireis são as vozes dos que procuram pervertel-a e corrompel-a, lisongear-a e illudil-a. O que está em voga, o que os garotos apregoam nas ruas e em volta dos bonds, é o escandalo, é o vicio, é a immoralidade, é a ausencia de grammatica e a ausencia de pundôr, é a degradação de todas as cousas nobres da vida, ridicularisadas por espirituosos sem espirito por conta de industriaes sem escrúpulos.

Eu não terei nunca, bem o sei, tantas leitoras avidas e constantes como as secções espirituosas das revistas da moda, mas as poucas com que ficar serão d'aquellas em cuja fidelidade poderei ter confiança. Entre essas estão

Mlle. A. F., Mme. Regina L. e *Rose Pourpre*, a cujas cartas vou procurar responder com este artigo de hoje. Se não fossem estas dividas antigas, outro seria o assumpto que escolheria para conversar com as minhas leitoras, neste sabbado de carnaval, de cujas alegrias artificiaes tantos dramas intimos e tantas lagrimas amargas resultam! Mas eu não sou abadesa de uma comunidade, nem a profana *Revista da Semana* é um pulpito para Iracemas theologas...

\*\*\*

Devo advertir a « Rosa Pourpre » que está enganada quando me attribue a affirmativa de que não ha uma casa bem posta no Rio. Quantas! Quantas! « Rose Pourpre » indica-me a vivenda deliciosa de Mme. Santos Lobo, em Santa Theresa, onde tudo, desde a collocação dos quadros ao arranjo das flôres, desde a tonalidade





da luz até a disposição dos *bibelots*, revela, testemunha e denuncia um gosto elegante e requintadíssimo... Estou de accordo. Nunca desci os degrãos dessa casa encantadora, para atravessar o seu pequeno jardim perfumado, que não sentisse essa mesma impressão de elegancia.

A casa de Mme. Azeredo, em Botafogo, é igualmente, embora noutro estylo e por outros motivos, uma casa magnificamente preparada para uma festa elegante.

Será inutil encarecer a principesca moradia Guinle, nas Laranjeiras, onde *the little Vanderbilt* carioca reuniu, talvez com demasiada profusão, abundantes riquezas decorativas.

Não faltam, no Rio, modelos de casas perfeitamente decoradas, onde se encontram ambientes de luxo e de conforto, de elegancia authentica e estylisada.

Agora mesmo, na Avenida Atlantica, uma das mais lindas casas do Rio acaba de receber a sua dona.

Certamente, não é um palacio, que possa fazer sombra ao Guanabara e ao Cattete.

E' um pequenino *cottage*, de estylo

inglez, que não ficaria deslocado nas praias de Brighton ou de Margat, de paredes decoradas com *boiseries*, e tão *modern-styl*, tão harmonioso de proporções, tão confortavel na sua disposição interna, que bem pode passar por um modelo do *Studio* realizado no Rio por uma alma nobre e sensibilissima de artista.

Não faltam as casas elegantes, as casas civilisadas, no Rio. A de Mme. Heloisa de Figueiredo, na rua Senador Vergueiro, a de um conhecido e opulento banqueiro na Avenida da Ligação, a da familia Fritz, em Santa Theresa, a morada do sr. Gaffré, de Mme. Viuva Guinle, tantas, tantas outras, que um dia descreveremos, attestam que existe uma classe (talvez um pouco cosmopolita...) onde o bom gosto na decoração da casa é superiormente cultivado.

Uma sociedade onde até os politicos, como o sr. Ministro dr. Lauro Muller, são (este plural não tem razão de ser, mas pode servir de estimulo aos outros) colleccionadores eruditos de pintura, como qualquer duque inglez, não pode, sem injustiça, ser considerada insensivel á esthetica.

Mas entre « *Rose Pourpre* » na casa burguesa, na casa das familias que não viajam, na casa das familias onde o nosso delicioso « *Tico-Tico* » passa por ser uma revista de arte, e me dará razão! De que cerebros sahiu a ideia d'aquellas mobílias? Quaes foram os carpinteiros que ideiaram aquellas mesas, aquellos armarios, aquellas cadeiras?

Como pode haver paz domestica, conforto, bem estar moral e physico em casas mobiliadas com aquellos horrendos moveis de peroba, envernizados como violas?

Esta crusada das pequenas mobílias artisticas, ao alcance das bolsas modestas, havemos de prégala pela pena e pelo exemplo.

E' preciso que todas as mulheres capazes de se interessarem por uma obra de divulgação de belleza me apoiem, me auxiliem.

O lar brasileiro é muito feio.

Talvez por isso elle abrigue tantas dôres occultas, tantas desventuras intimas.

Façamos o possivel por tornalo bello.

A belleza é um caminho que conduz suavemente á felicidade.

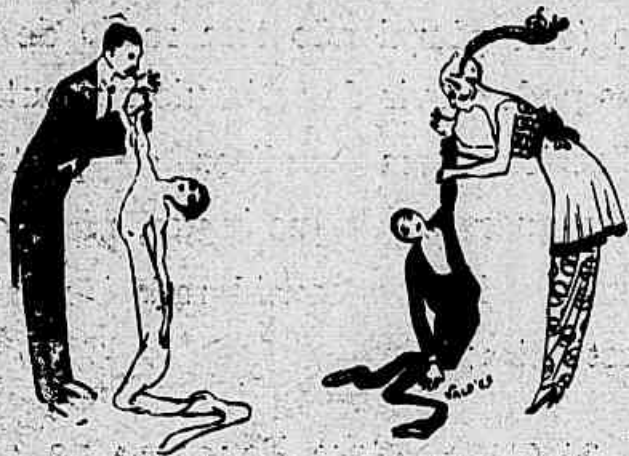
*Iracema.*



*Uma sala de jantar elegante*



## Moralisemos o tango!



Passado o carnaval, nos bailes do bairro de Botafogo, as bailarinas dançaram o irresistível tango com cavalheiros artificiaes... e reciprocamente.



Poderão assim entregar-se sem perigo e sem peccado a todos os delirios do tango.



Os representantes dos donatarios (hum! hum!), dos governadores e dos capitães-môres podem revestir a armadura (hum! hum!) de seus antepassados.

As damas que não desistam de dançar com cavalheiros authenticos poderão usar vestidos com "jupe" blindada.

### ODE DE ANACREONTE

Fez-se Niobe em pedra, e Filomena em passaro. Assim folgaria eu tambem me transformasse Jupiter a mim.

Quisera ser o espelho, em que o teu rosto placido sorri;  
a tunica feliz, que sempre está [proxima de ti;  
o banho de crystal, que esse teu corpo candido contém;  
o aroma de teu uso, e d'onde efluvios magicos provém;  
depois esse listão, que do teu seio turcido faz dois;

depois... do teu pescoço o rosicler de perolas; depois...

Depois! Ao vêr-te aessim unica e tão sem emulas qual és,

até quizera ser teu calçado, e pizassemme teus pés!

### A' porta do Garnter:

— Uma grande parte dos livros de hoje mostram ter sido feitos a correr... com livros lidos na vespera.



«Decidamente, tudo é longo na vida... excepto a vida».

AURELIANO SCHOLL



— Estou convencida de que essa grande belleza, que os senhores tanto admiram, tinge o cabelo.

— Não, minha senhora, isso não; compra-o já d'aquella côr!



— Quando me paga o sr. aquelles cem mil reis que me deve?

— Perdão; não são cem, são dusetos.

— Cem é que são. E quero que o senhor m'os pague.

— Ha que distinguir. Eu prefiro dever-lhe dusetos a ter de pagar-lhe cem.



### Entre creanças:

— Porque é que Adão nunca foi pequenino?

— Porque não havia ama para o crear.



No consultorio de um destista.

— A dentadura que o sr. me collocou hontem incommoda-me muito.

— Não admira. Os dentes que eu colloco são tão perfeitos que até doem!



O professor pergunta, no collegio, á esperta Gaby:

— Qual é o mez que tem vinte e oito dias?

E Gaby responde, com ar de triumpho:

— Todos!



N'uma repartição publica

O chefe — Não sei o que heide pensar do sr. Encontró-o sempre dormindo!

O escripturario — E' porque tenho a minha consciencia tranquillla.

### No trem de Petropolis:

— «Então esse famoso baile que uma commissão de Senhoras ia promover no Municipal?»

— «Ah! não sabes? Mais uma pilheria divina do Rivadavia, que está com um accesso de *verve* que faria a fortuna de um humorista! Depois daquellas admiraveis pilherias das grades do Passeio Publico, dos tuneis, e dos taxis vermelhos, todas dignas de Mark Twain, e a das licenças para as mesas da praia, na Avenida Atlantica, elle privou o Municipal de luz para não ter que dar sempre a mesma resposta negativa ás commissões que pediam o theatro para jantares ao Nilo, sessões sollemnes ao Sodré, recitas ao Irineu, banquetes ao Ruy!»

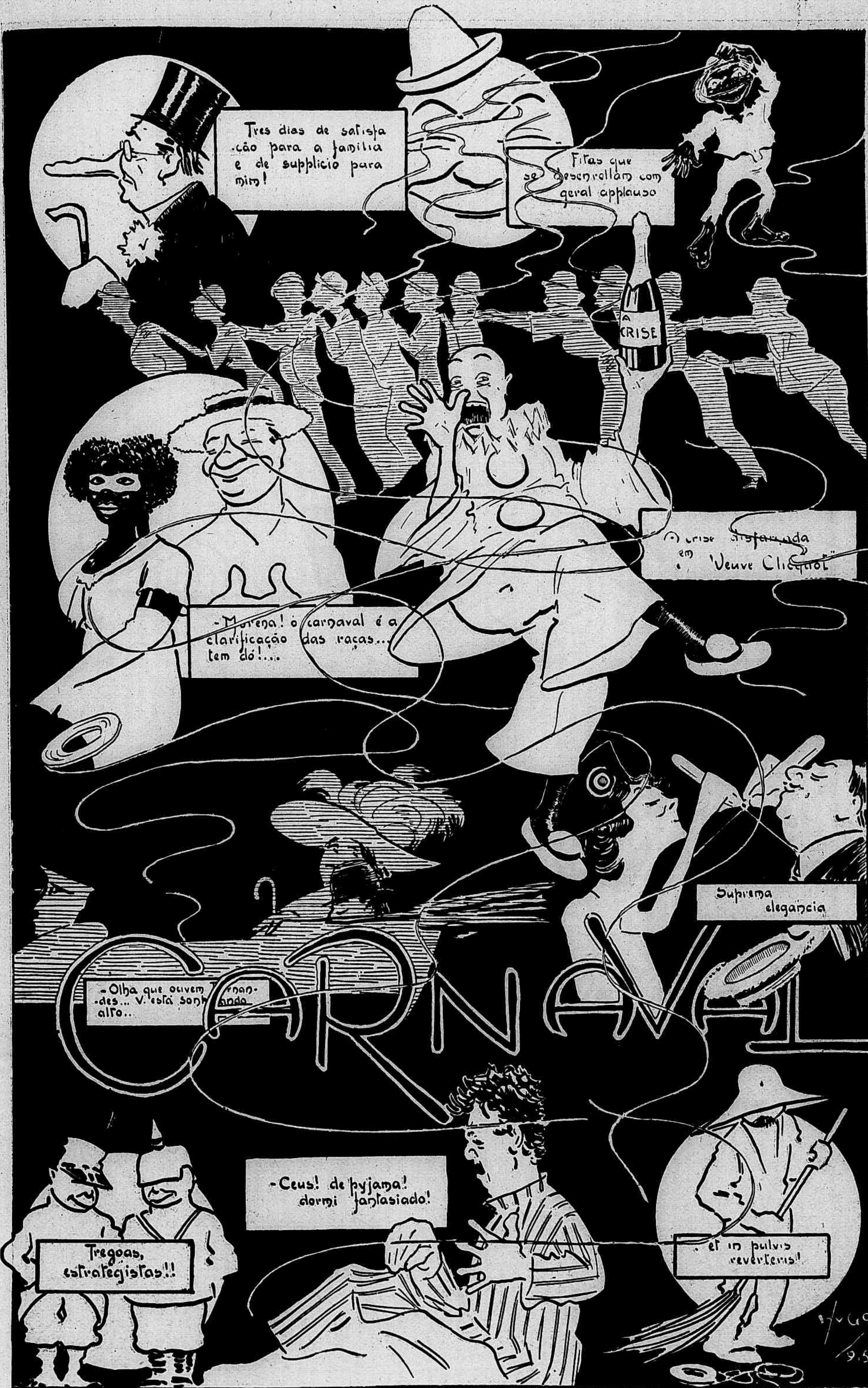
Ora não foi nada disto. A suspensão temporaria de luz no Municipal foi determinada por dois motivos imperiosos: o da segurança e o da economia. Provou-se que o fornecimento de luz, pela Light, sahiria mais barato do que o luxo de sustentar uma installação propria, de corrente continua.

Provou-se mais que o estado em que se encontravam os fios conductores internos, tomadas, fusiveis, etc. era de modo a justificar os receios de um desastre.

Isto pelo que respeita á *pilheria* da suspensão da luz no Municipal. Pelo que respeita ao baile, o que nos consta é que duas senhoras da commissão procuraram um conhecido e illustre jornalista, expondo-lhe o seu plano. O jornalista, porém, dissuadiu as senhoras, convencendo-as de que a primeira cousa necessaria a um baile de mascarar era o espirito, e que submeter a uma dessas provas o *set carioca* só podia ser uma diabolica obra vingativa.







Tres dias de satisfação para a família e de supplicio para mim!

Fitas que se desenrolam com geral applauso

A crise superada em Veuve Clicquot

-Morena! o carnaval é a clarificação das raças... tem dó!...

Suprema elegancia

-Olha que ouvem... V. está sonhando...

-Ceus! de pyjama! dormi fantasiado!

Tregos, estrategistas!!

et in pulvis revertens!

17/60  
95

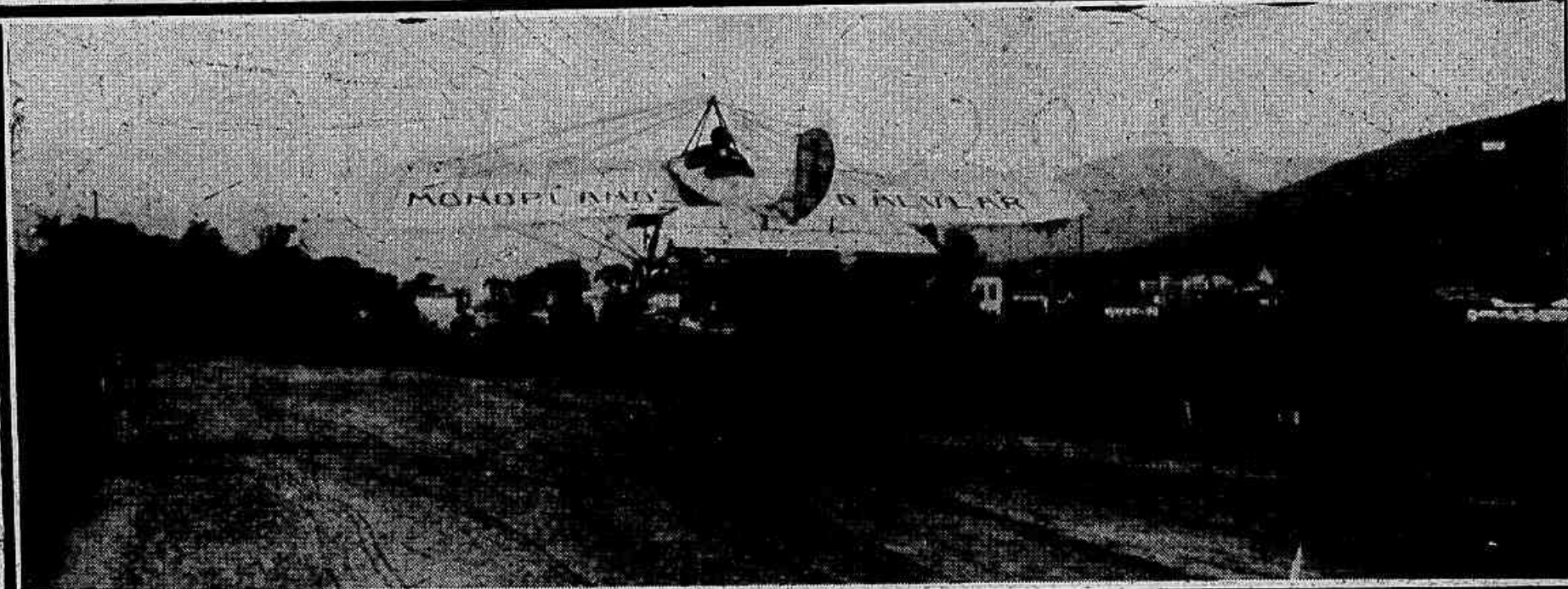


## Uma experiência fatal

A morte do aviador italiano Ambrosio Caragiolo no monoplane Alvear

No martyriológico da aviação mais uma vítima a inscrever: a do desventurado e intrepido Caragiolo, o juvenil aviador argentino, que tantos admiradores e amigos conquistara entre nós: O vento que so-

prou em toda a tarde de Domingo, designada para a experiência official do novo monoplane Alvear, faria desistir outro aviador menos audacioso de aventurar-se a uma prova daquela responsabilidade. Mas o público, impaciente, murmurava, e Caragiolo sacrificou-se ao capricho dos espectadores. Subiu para o aparelho, poz o motor em andamento,



1 — Caragiolo no aparelho Alvear antes da ascensão, 2 — Erguendo o vôo. A caminho da morte. 3 — A queda do aparelho



e voou, Não faltou logo quem atribuisse o desastre fatal em que terminou esse vôo ousado a deficiências de construção do aparelho Alvear. Mas quantos desastres fataes não teem succedido na historia gloriosa e tragica da aviação com aparelhos reputados modelares, de todos os systemas consagrados? O sr. Alvear teve a desventura de perder em Caragiolo o amigo

que melhor podia, com conhecimento de causa, deffendel-o. Não agravemos o seu inconsolavel pesar com accusações infundadas, e deploremos o duplo desastre que attingiu o intrepido aviador argentino e o intelligente inventor brasileiro.



1 — Antes da partida, 2 — A chegada! O cadaver carbonizado do infeliz aviador.





## PELOS CLUBS

Se o Carnaval das ruas, este anno, pela ausencia dos cortejos dos Grandes Clubs, perde uma grande parte do seu brilho e entusiasmo, nota-se um recrudescimento de animação nas Associações familiares e nos Clubs elegantes. Os bailes á fantasia multiplicam-se. O carnaval de 1915 é o carnaval dos bailes. Em todos os salões se dança. A *Revista da Semana* procurará archivar nas suas paginas o maior numero de aspectos dessas reuniões.



1—No Club Boqueirão.—2 No baile de sabbado do Club Boqueirão.—3 No Rio Club



# PELO SPORT



## BOQUEIRÃO-ICARAHY

1—Os concorrentes aos 100 metros. 2—O "team" do Icarahy. 3 — Os concorrentes aos 200 metros. 4—O "team" do Boqueirão. 5—Carlos Moreira, vencedor de todas as provas de corrida a pé.



## Club Gymnastico Portuguez



*Um aspecto da assistencia ao festival em beneficio da Cruz Vermelha Portuguesa*



# Figuras & Factos



*Mr. Hansé do 1º batalhão territorial dos Caçadores Alpinos e que, o anno passado, durante o carnaval nos visitou como representante da casa suíça fabricante do lança-perfume "Geyser".*



**Marechal Niemeyer**



Passa amanhã o decimo anniversario da morte do Marechal Niemeyer. Militar illustre entre os mais illustres da nossa historia, oriundo de uma verdadeira dynastia de soldados intrepidos, o marechal Niemeyer ainda hoje é lembrado com veneração e saudade pela classe militar brasileira, como um dos seus mais insign's ornamentos.

## A Gasolina a 20\$000

*Os chauffeurs, esperando a sua vez de serem servidos na compra da Gasolina da Oil Company, que furou o "trust", vendendo ao preço antigo.*

*Os automoveis aguardando em frente aos depositos da Oil Company.*





Reunião nocturna  
no Copacabana-Club



Aspectos da assistência a uma das reuniões da ultima semana no elegante Club do bairro atlantico



# Figuras & Factos



*Mr. Hansé do 1º batalhão territorial dos Caçadores Alpinos e que, o anno passado, durante o carnaval nos visitou como representante da casa suíça fabricante do lança-perfume "Geyser".*



**Marechal Niemeyer**

Passa amanhã o decimo anniversario da morte do Marechal Niemeyer. Militar illustre entre os mais illustres da nossa historia, oriundo de uma verdadeira dynastia de soldados intrepididos, o marechal Niemeyer ainda hoje é lembrado com veneração e saudade pela classe militar brasileira, como um dos seus mais insign's ornamentos.



## A Gasolina a 20\$000

*Os chauffeurs, esperando a sua vez de serem servidos na compra da Gasolina da Oil Company, que furou o "trust", vendendo ao preço antigo.*

*Os automoveis aguardando em frente aos depositos da Oil Company.*





Reunião nocturna  
no Copacabana-Club



Aspectos da assistência a uma das reuniões da ultima semana no elegante Club do bairro atlantico



## O tricentenário do Convento de Santo Antonio

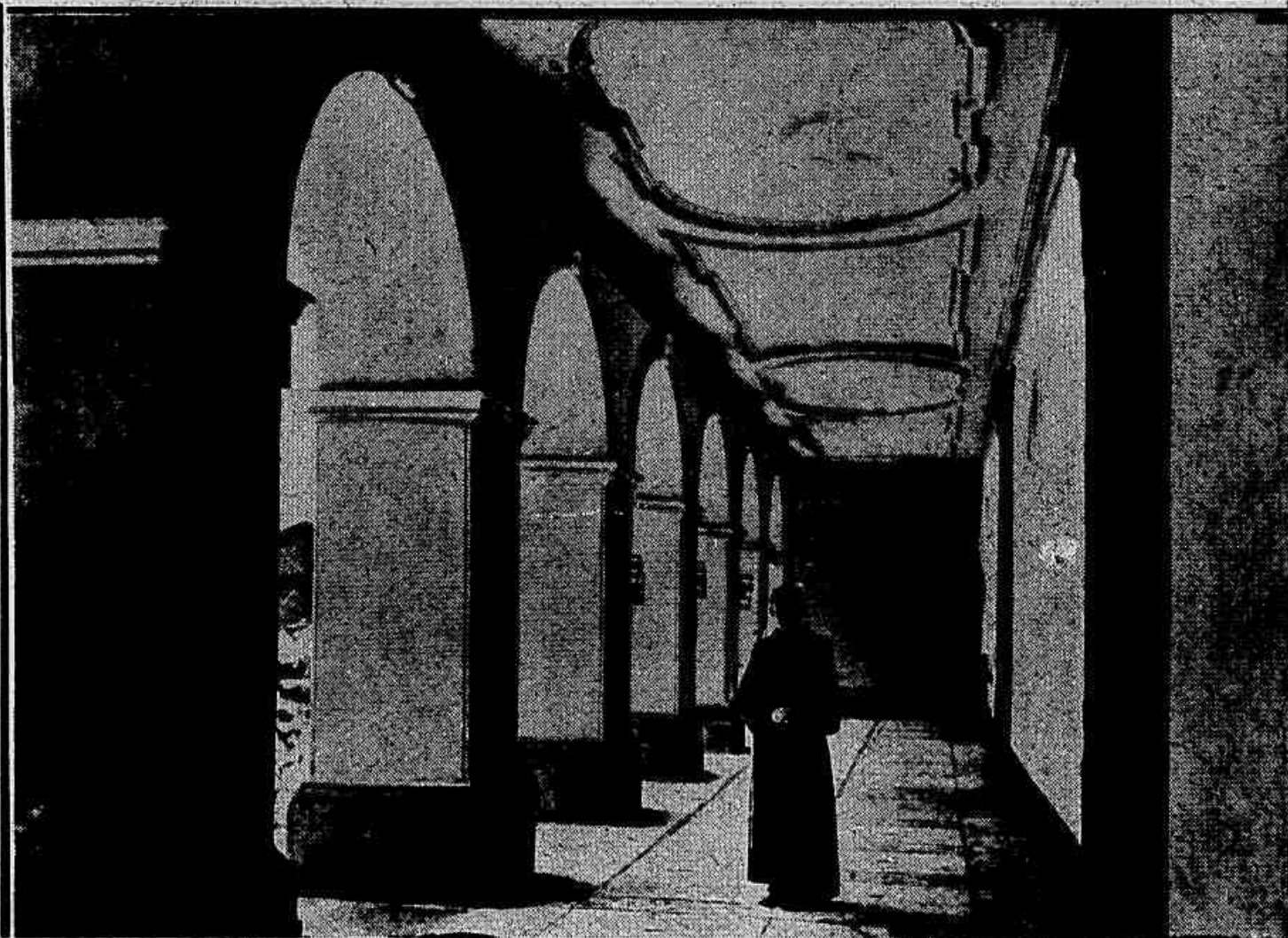


1.—O convento e a igreja de Santo Antonio.

2º — O claustro.

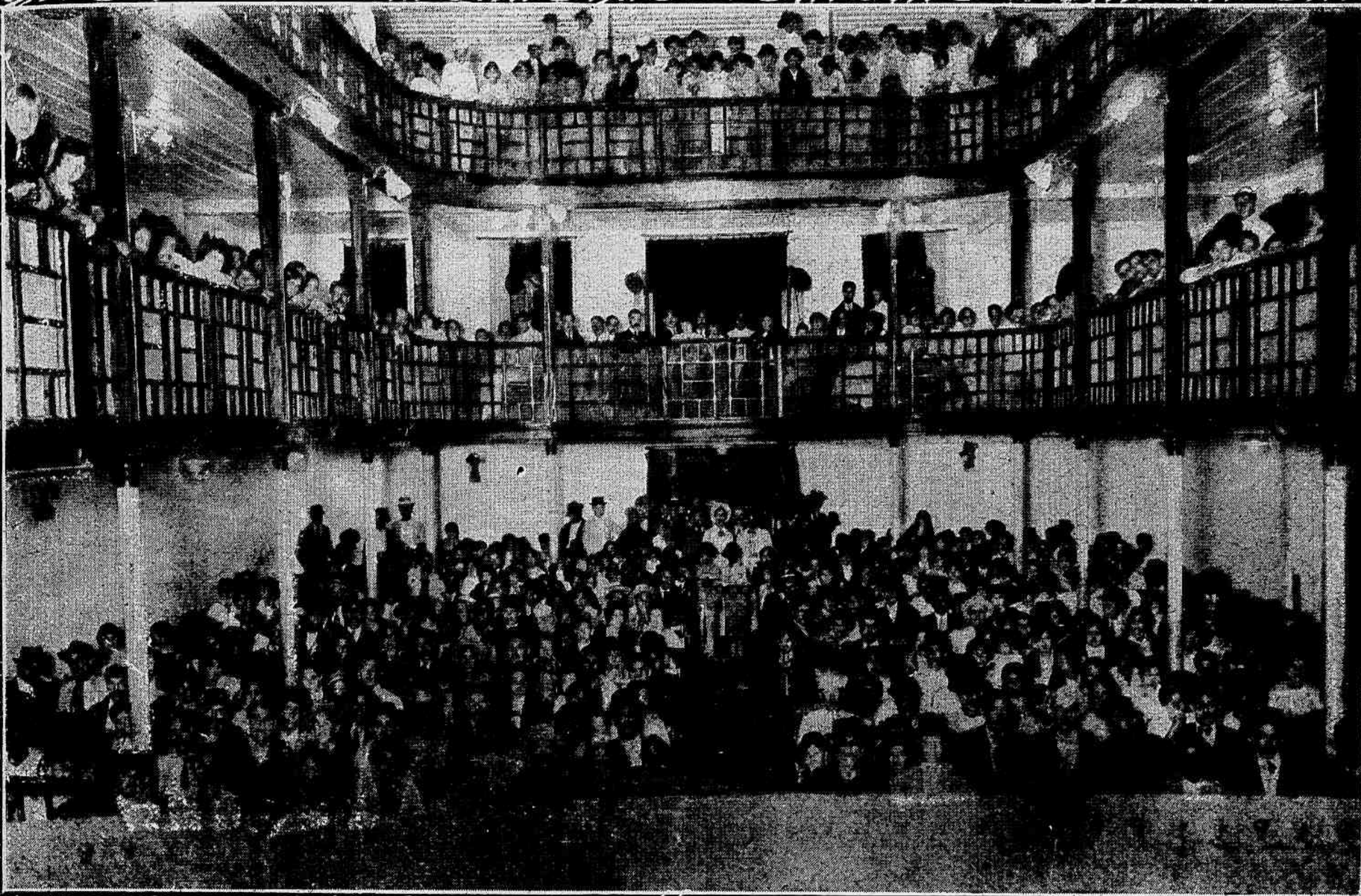
3º — Frei Diogo de Freitas (sentado à esquerda), D. João Braga, bispo de Curitiba, e Frei Ignacio. Na segunda fila, Frei Julio, Frei Elias, Frei Cancio, Frei Donato e Frei José, que constituem actualmente a comunidade.

Foi, primitivamente, na praia de Santa Luzia, que os religiosos franciscanos obtiveram a doação de um terreno para instalar a sua casa, junto a uma pequena ermida. Ahi os veio encontrar em 1607 Frei Leonardo de Jesus. Não lhe arradando, porém, o local, expoz elle ao Governador e



aos officiaes da Camara os motivos por que não convinha acceital-o, sendo-lhe então offerecido o morro do Carmo, que passou a chamar-se de Santo Antonio, Padroeiro adoptado pelos franciscanos para a sua nova casa conventual do Rio de Janeiro. A mudança da comunidade para o actual edificio, então ainda incompleto, realisou-se a 7 de fevereiro de 1615, sendo celebrada no dia seguinte a primeira missa na Igreja. Foi esta data tricentenaria que a veneranda comunidade, de que é hoje prior Frei Diogo de Freitas, commemorou este anno.





## O THEATRO NOS ESTADOS

*A sala do theatro S. Martinho, de Tatuhy*

(Cliché Picchi).

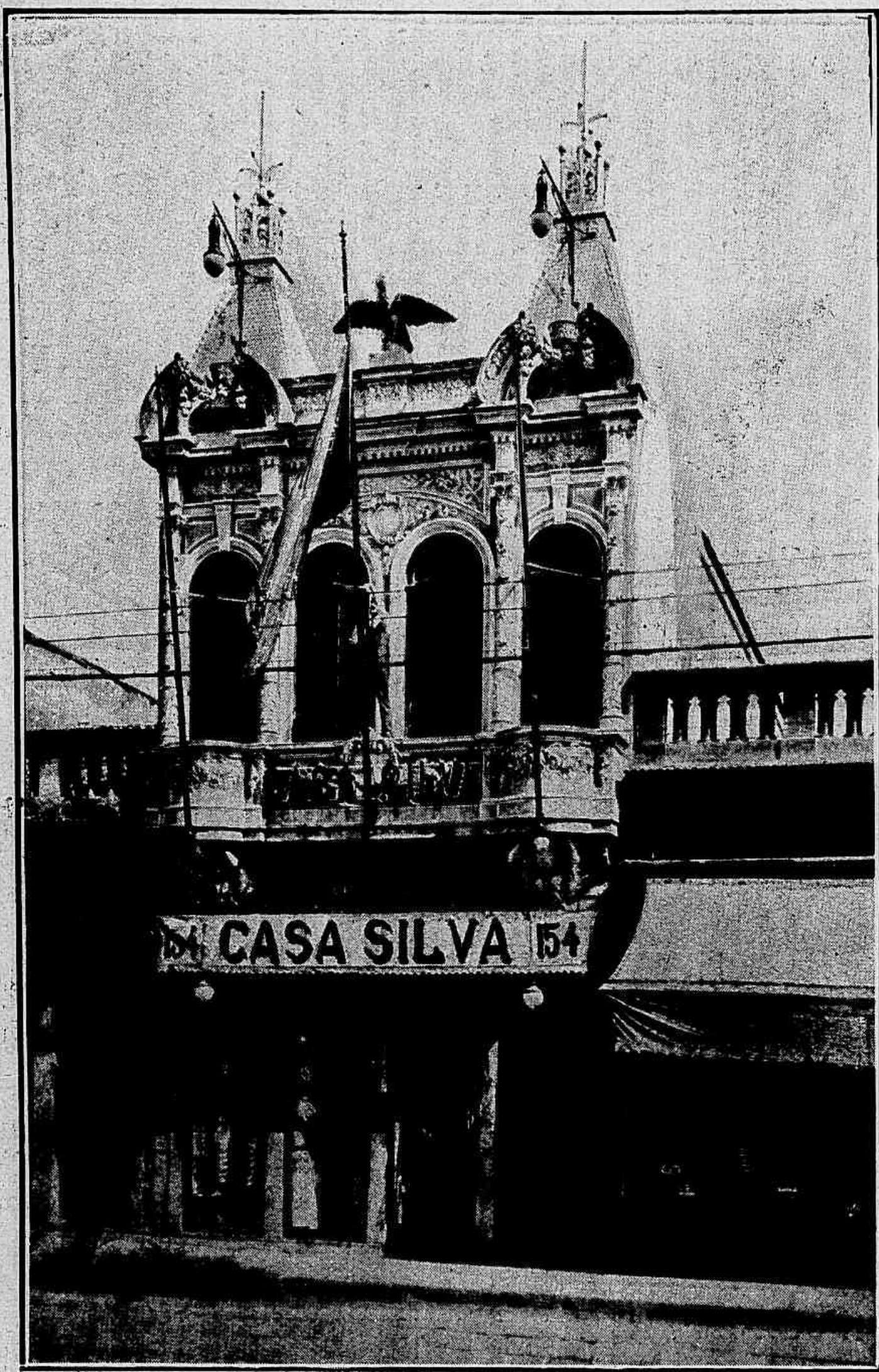


## A "Revista da Semana" no Estado do Rio Grande do Sul Gremio Foott-Ball Porto Alegrense

*Team dos  
solteiros que se  
bateram com  
os casados,  
vencendo por  
6x4.—Prova  
Classica, 3º  
anno.—Senta-  
dos, da esqer-  
da, Dr. Ri-  
beiro, Hugo,  
M. Echeni-  
que, Kalfez,  
Corrêa. 2º  
grupo, Lobo,  
Fay, Barcel-  
los. 3º grupo,  
team Araujo,  
Ely, Cardoso  
e juiz, Dr.  
Aurelio Paz.*







Um estabelecimento  
modelo

# Casa Silva

154

Rua Senador Euzébio

154

Telephone 2.474 - Norte

*Este conceituado e muito conhecido estabelecimento iniciou a sua grande venda annual de todos os artigos a preços verdadeiramente admiráveis.*

Terno de tussor, puro linho, artigo francez, confecção irreprehensivel a 23\$500!

Ternos de casimira ingleza, pura lã, aviamentos garantidos, venda de bonificação a 29\$500 !

Milhares de ternos para crianças, lindos modelos desde 2\$800 !

A Casa Silva possui o sortimento mais completo e escolhido em artigos para homens, meninos e rapazes, roupa branca e camisaria, roupa para cama e meza, etc., etc.

O mesmo estabelecimento tem um grande atelier de alfaiate, sob a direcção de um habil contra-mestre e tão certo está da perfeição e barateza de todos os seus artigos que o seu proprietario está prompto a restituir a importancia a todos os freguezes que se arrependerem das suas compras.

A Casa Silva remette para o interior do Brasil todos os pedidos que lhe forem feitos, assim como tambem envia gratuitamente a domicilio no Districto Federal, podendo os mesmos pedidos serem feitos pelo telephone ao seu proprietario.

Uma visita á **CASA SILVA** será muito lucrativa ao freguez que alli fôr, certo de que não sahirá sem fazenda



# O LOPES

E' quem dá a fortuna mais rapida nas Loterias e offerece maiores vantagens ao publico

**Rua Ouvidor, 151 — Rua Quitanda, 79**

(canto Ouvidor)

**FILIAL: Rua Rosario n. 26 (S. Paulo)**

Publicação sema-  
nal de  
romances

## Romance do Povo

Fascículo de 32  
páginas com  
gravuras 300 rs.

Romances publicados e em publicação :

*Martyr do Amor*, de Hector France; *Maldita*, de Maxime Villemer;  
*Crimes de Amor*, de Pierre Decourcelles.

Estes auctores são os mestres do romance popular, romances interessantes e commovedores.

Assignatura annual (52 fasciculos) 15\$000 réis.

Pedidos á Secção Editora do "Jornal do Brasil"—Rio de Janeiro.

## LEGISLAÇÃO E JURISPRUDENCIA DO BRASIL

Publicação mensal sob a direcção do

**Dr. Candido Mendes de Almeida**

**Maio e Junho de 1914**

Grosso fasciculo de quasi 400 paginas contendo:

A indicação minuciosa de todos os actos do Poder Legislativo e Executivo Federaes de Maio e Junho de 1914 e a integra dos textos do Decreto que autorisa o Presidente da Republica a contrahir o emprestimo necessario para solver as despesas legalmente ordenadas, o que approva os estatutos de sitio declarados pelo Poder Executivo, o NOVO REGULAMENTO DA CASA DE DETENÇÃO DA CAPITAL FEDERAL, a REORGANISAÇÃO DA PROCURADORIA DA REPUBLICA NO DISTRICTO FEDERAL, etc., etc.

O texto de todos os CENTO E CINCO ACCORDAMS DO SUPREMO TRIBUNAL FE-

DERAL, os QUATORZE do TRIBUNAL DE CONTAS e todos os CENTO E SETENTA de todas as CAMARAS DA CORTE DE APPELLAÇÃO publicados em audiencias de Maio e Junho de 1914, com os respectivos votos vencidos e as sentenças confirmadas.

Os Avisos Forenses com a indicação pormenorizada de todos os Tribunaes e Juizes com sede no Districto Federal, nomes, residencias, cartorios, dias de audiencias, etc.

Indices alphabeticos, muito minuciosos e indice geral em 120 paginas, do segundo trimestre de 1914 que constitue o vol. III da "Legislação e Jurisprudencia do Brasil".

|                                                    |         |
|----------------------------------------------------|---------|
| Fasciculo avulso de Maio e Junho.....              | 8\$000  |
| Vol. I (Outubro, Novembro e Dezembro de 1913)..... | 10\$000 |
| Vol. II (Janeiro, Fevereiro e Março de 1914).....  | 12\$000 |
| Vol. III (Abril, Maio e Junho de 1914).....        | 13\$000 |
| Assignatura annual .....                           | 30\$000 |

No prelo o fasciculo de Junho de 1914

Redacção -- Avenida Rio Branco 112, 1º andar -- Telephone Central 1394



# A MONOTYPO

## Vantagens da Machina "Monotypo"

**A MONOTYPO** :—E' a mais pratica e a mais perfeita de todas as machinas de compôr que até o presente tem sido apresentadas ao mercado mundial.

**A MONOTYPO** :—E' a unica machina que põe simultaneamente em função 225 matrizes, compreendendo quatro alphabets completos, isto é: redondo (maiúsculas e minúsculas), *gripho*, (maiúsculas e minúsculas), **VERSALETE**, **negrita**, (maiúsculas e minúsculas), cifras, fracções, signaes diversos e também pôde servir para compôr adornos complicados e outras vinhetas typographicas, impossiveis de se obter com outra qualquer machina de fundir. Compõe em todos os casos até 40 "ciceros" e faz uma infinidade de composições com extrema facilidade, desde o simples membrete até o raiado de uma escala. Uma letra, uma palavra, um titulo ou qualquer outra composição, pôde ser repetida ou refundida tantas vezes quantas se desejem, sem necessidade de nova composição, e isso mesmo se dá com artigos e obras inteiras, compostos em varias occasiões e epocas diferentes, que também podem ser refundidos sem se ter de compor novamente, desde que se conserve a bobina do papel perfurado para passal-o tantas quantas vezes seja necessario na "Fundidora". Com isto bástia para se comprehender a grande vantagem que ha em evitar a immobilidade da materia em elimi-



O teclado



A fundidora

nar o uso da steriotypia, que é um processo caro e de muito volume, e em **supprimir absolutamente a compra de**

**tipos** e o seu consumo, obtendo-se, em troca, a facilidade de se poder guardar o trabalho por tempo indefinido e com pequeno gasto, pois que a mesma tira de papel perfurado pôde servir de **15 a 20 vezes na fundição.**

Com esta machina, fundem-se caracteres em todos os corpos, evitam-se "entrelinhas" com facilidade; e também pôde fundir-se corpo entrelinhado ou não. E, como tudo o que é produzido é em tipos soltos, como o proprio nome de **Monotypo** o indica, as correções effectuam-se da mesma forma que com os tipos das fundições de composição á mão, sem necessidade de parar a machina, e inversamente ao que succede com as demais machinas de fundir linhas inteiras, tão preconisadas, mas muito inferiores á **Monotypo.**

Preço rasoavel

Condições de pagamento facilimas

**C. de Almeida**

Agente Geral da LANSTON MONOTYPE CORPORATION LIMITED  
AVENIDA RIO BRANCO 110 E 112

onde se poderá ver a machina e receber todas as explicações.

A REVISTA DA SEMANA é composta em machina Monotypo.



# UM LIVRO NOTAVEL COMO SE TRIUMPHA NA VIDA

Meios e qualidades que  
permitem alcançar  
exito e fortuna

Segue os conselhos d'este livro e a tua vida de  
mediocre e miseravel se tornará facil, interes-  
sante e elevada. Serás um homem superior e  
conseguirás a fortuna. Serás querido e res-  
peitado

Um volume de 226 paginas  
custa apenas 2\$000 réis

---

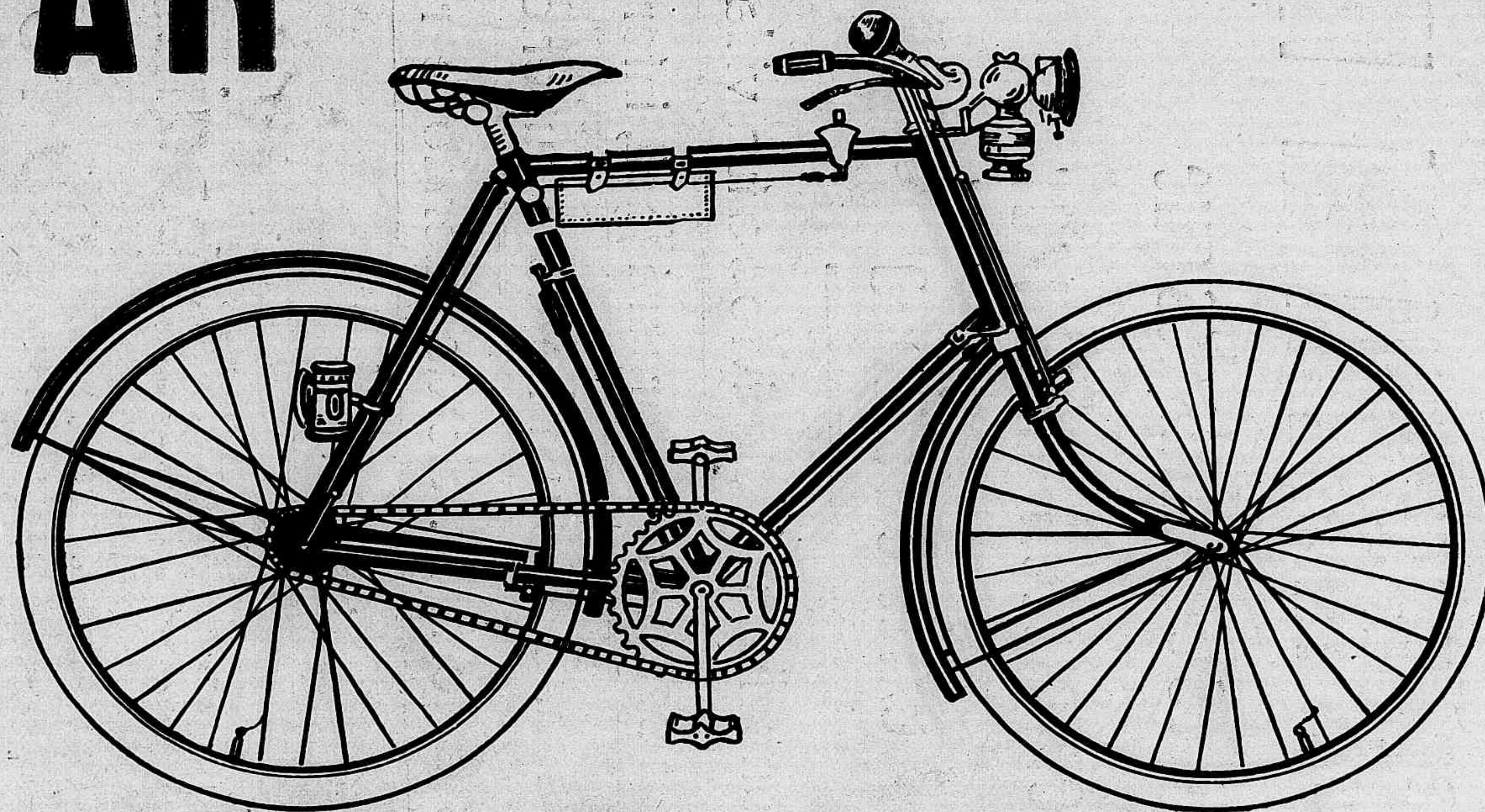
Pedidos á Secção Editora do "Jornal do Brasil"

---

110 — Avenida Rio Branco — 112



# STAR



A BICYCLETTE MAIS CONHECIDA, MAIS SOLIDA, ELEGANTE E MAIS VELOZ

5\$

**CLUBS** CASA **STANDARD**

SEMANAES

RIO

93-OUVIDOR-95